



DE RERUM NATURA

LIVRO I,
de Tito Lucretius Carus

Tradução, Introdução e Notas
Juvino Alves Maia Junior
Hermes Orígenes Duarte Vieira
Felipe dos Santos Almeida

ideia

LA PACCIA SVA MI PUFFA L'NGA E GROSSA
COME LA FINA DI SAN PIETRO A ROMA

ANNO DOMINI MCMXXI

DANTE BERNINI XXVI

Conselho Editorial

Milton Marques – UFPB

Marcos Nicolau – UFPB

Roseane Feitosa – UFPB (Litoral Norte)

Dermeval da Hora – Proling/UFPB

Elri Bandeira – UFCG

Helder Pinheiro – UFCG

De Rerum natura

Livro I, de Tito Lucretius Carus

Tradução, Introdução e Notas

Juvino Alves Maia Junior

Hermes Orígenes Duarte Vieira

Felipe dos Santos Almeida

Ideia

João Pessoa

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
COORDENAÇÃO DE LETRAS CLÁSSICAS
Prof. Dr. Juvino Alves Maia Junior

EDITORAÇÃO E CAPA
Magno Nicolau

C329d Carus, Tito Lucretius.

De Rerum natura - Livro I / Juvino Alves Maia
Junior, Hermes Orígenes Duarte Vieira, Felipe dos
Santos Almeida (tradutores do Latim para o Portu-
guês). Bilingue. João Pessoa: Ideia, 2016.

69 p.

ISBN 978-85-463-0103-4

1. Latim

CDU: 807.1



EDITORA LTDA.
www.ideiaeditora.com.br

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil

SUMÁRIO

LUCRÉCIO - INTRODUÇÃO, 7

PRELÚDIO, 9

1. INVOCAÇÃO A VÊNUS, 9

2. APELO AO LEITOR, 11

2.1. ELOGIO DE EPICURO, 12

3. IMPIEDADE DA RELIGIÃO, 13

4. POESIA MITOLÓGICA, O TERROR DA MORTE, ÊNIO, 14

I. PRINCÍPIOS GERAIS: A EXISTÊNCIA DA MATÉRIA E DO VAZIO (146 – 482)

1. PRIMEIRO PRINCÍPIO: NADA NASCE DO NADA (146 – 214), 17

1.1. INTRODUÇÃO (146 – 148), 17

1.2. NADA NASCE DO NADA (149 – 158), 17

1.3. PROVAS DO PRIMEIRO PRINCÍPIO (159 - 214), 18

1.3.1. PRIMEIRA PROVA (159 – 153), 18

1.3.2. SEGUNDA PROVA (174 – 183), 19

1.3.3. TERCEIRA PROVA (184 – 191), 19

1.3.4. QUARTA PROVA (192 – 198), 20

1.3.5. QUINTA PROVA (199 – 207), 20

1.3.6. SEXTA PROVA (208 – 214), 21

2. SEGUNDO PRINCÍPIO: NADA RETORNA AO NADA (215 – 264), 21

2.1. ENUNCIACÃO DA TESE (215 – 216), 21

2.2. PROVAS DO SEGUNDO PRINCÍPIO (217 – 264), 21

2.2.1. PRIMEIRA PROVA (217 – 224), 21

2.2.2. SEGUNDA PROVA (225 – 237), 22

2.2.3. TERCEIRA PROVA (238 – 249), 23

2.2.4. QUARTA PROVA (250 – 264), 23

3. TERCEIRO PRINCÍPIO: A EXISTÊNCIA DOS ÁTOMOS (265 – 328), 24

3.1. INTRODUÇÃO (265 – 270), 24

3.2. PROVAS DA EXISTÊNCIA DOS ÁTOMOS (271 – 328), 25

3.2.1. PRIMEIRA PROVA: O VENTO (271 – 297), 25

3.2.2. SEGUNDA PROVA: OS ODORES E OUTRAS

SENSAÇÕES (298 – 304), 26

3.2.3. TERCEIRA PROVA: AS VESTES LAVADAS E ENXUTAS

(305 - 310), 26

3.2.4. QUARTA PROVA: FENÔMENOS INVISÍVEIS I (311 – 321), 27

3.2.5. QUINTA PROVA: FENÔMENOS INVISÍVEIS II (322 – 328), 27

4. QUARTO PRINCÍPIO: O VAZIO (329 – 369), 28

4.1. INTRODUÇÃO (329 – 334), 28

4.2. PROVA NEGATIVA (335 – 345), 28

4.3. PASSAGEM ATRAVÉS DE OBJETOS SÓLIDOS (346 - 357), 29

4.4. MASSAS DIFERENTES, MAS IGUAIS EM PESO (358 - 369), 29

5. POLÊMICA CONTRA QUEM NEGA O VAZIO (370 - 417), 30

5.1. INTRODUÇÃO (370 – 377), 30

5.2. DEMONSTRAÇÃO (378 – 390), 31

5.3. REFUTAÇÃO DE UMA HIPÓTESE ALTERNATIVA (391 – 397), 31

5.4. CONCLUSÃO E APELO AO LEITOR (398 – 417), 32

6. MATÉRIA E VAZIO NO UNIVERSO: RECAPITULAÇÃO (418 – 448), 33

7. PROPRIEDADES E ACIDENTES (449 – 482), 34

II. SOLIDEZ, ETERNIDADE E INVISIBILIDADE DOS PRIMEIROS ELEMENTOS (483 – 634)

1. INTRODUÇÃO (483 – 502), 36

2. SOLIDEZ, ETERNIDADE E SINGULARIDADE DOS ÁTOMOS (503 – 550), 37

2.1. OS ELEMENTOS PRIMÁRIO DEVEM SER INDIVISÍVEIS E SEM VAZIO (503 – 510), 37

2.2. OS ELEMENTOS PRIMÁRIOS PODEM SER ETERNOS (511 – 519), 37

2.3. OS ELEMENTOS PRIMÁRIOS DEVEM SER ETERNOS (520–539), 38

2.4. SINGULARIDADES DOS ELEMENTOS PRIMÁRIOS (540 – 550), 39

3. A INDIVISÍVEL SIMPLICIDADE DOS ÁTOMOS (551 – 583), 40

4. IMUTABILIDADE DOS ÁTOMOS (584 – 598), 41

5. AS PARTES MÍNIMAS DO ÁTOMO (599 – 634), 42

III. CONFUTAÇÃO DA FÍSICA PRÉ-PLATÔNICA (635 – 950)

1. HIPÓTESE MONISTA: HERÁCLITO (635 – 704), 44

1.1. INTRODUÇÃO (635 – 644), 44

1.2. A DIFERENCIAÇÃO DAS COISAS (645 – 654), 45

1.3. RAREFAÇÃO E ADENSAMENTO PRESSUPÕEM O VAZIO (655 – 664), 45

1.4. COROLÁRIOS (665 – 689), 46

1.5. CONSEQUÊNCIAS GNOSIOLÓGICAS (690 – 704), 47

2. HIPÓTESE PLURALISTA: EMPÉDOCLES (705 – 809), 48

2.1. INTRODUÇÃO (705 – 733), 48

2.2. ARGUMENTOS CONTRA A TEORIA DOS QUATRO ELEMENTOS (734 – 829), 49

2.2.1. O PROBLEMA DO MOVIMENTO E DA DIVISIBILIDADE (734 – 752), 49

2.2.2. CONSEQUÊNCIAS CONTRADITÓRIAS (753 – 781), 50

2.2.3. FALTA DE UMA REFERÊNCIA ESTÁVEL NO PROCESSO DE GERAÇÕES E CORRUPÇÕES (782 – 802), 52

2.2.4. POSSÍVEIS OBJEÇÕES E RESPOSTAS (803 – 829), 53

3. ANAXÁGORAS (830 – 930), 54

3.1. INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA TEORIA (830 – 842), 54

3.2. O PROBLEMA DA INFINITA DIVISIBILIDADE (843 – 858), 55

3.3. CONSEQUÊNCIAS CONTRADITÓRIAS (859 – 874), 56

3.4. UMA DEFESA POSSÍVEL DE ANAXÁGORAS, E UMA CRÍTICA (875 – 896), 57

3.5. UMA POSSÍVEL CONTRADIÇÃO E CRÍTICAS FINAIS (897 – 920), 58

4. APOLOGIA (921 – 950), 59

IV. ILIMITAÇÃO DO UNIVERSO, DA MATÉRIA E DO VAZIO (951 – 1117)

1. O UNIVERSO NÃO TEM LIMITE (951 – 1001), 61

1.1 INTRODUÇÃO (951 – 957), 61

1.2 FALTA DE UM LIMITE (958 – 967), 61

1.3 HIPÓTESE DA EXISTÊNCIA DE UM LIMITE (968 – 983), 62

1.4 A MATÉRIA SE ACUMULA PARA BAIXO (984 – 997), 63

1.5 APÊNDICE (998 – 1001), 63

2 MATÉRIA E ESPAÇO NÃO TÊM LIMITES (1002 – 1051), 64

2.1 INDEFINIÇÃO DO ESPAÇO (1002 – 1007), 64

2.2 INDEFINIÇÃO DA MATÉRIA, ISTO É, DOS ÁTOMOS (1008 – 1051), 64

3 UNIVERSO NÃO TEM CENTRO (1052-1113), 66

3.1 EXPOSIÇÃO DA TEORIA ADVERSÁRIA (1052-1082), 66

3.2 UMA TEORIA SEMELHANTE À PRECEDENTE, E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA INTERPRETAÇÃO DO MUNDO. CONCLUSÕES (1083-1117), 68

REFERÊNCIAS, 69

SOBRE OS TRADUTORES, 70

Lucrecio

Introdução

a. Do autor

Tito Lucrecio Caro, autor do *De Rerum Natura*, viveu entre o século I antes e depois de Cristo, e morreu pouco depois dos quarenta anos, por volta do ano 55, em Roma. As referências aos versos 40 – 43 do Livro I nos dá uma visão do ambiente político e cultural de Roma, com as agitações políticas desse período de triunvirato. Tudo o mais sobre esse poeta é desconhecido. Supõe-se que tenha sido ‘cliente’ do aristocrático Caio Mêmio a quem ele dedica o poema, o que sugere que o poeta tenha pertencido a alguma casta da aristocracia, embora não se possa afirmar. Além disso sabe-se que foi Cícero quem cuidou da edição póstuma do texto.

Deixando as especulações, espera-se que os papiros de Herculano, da biblioteca de Filodemo de Gadara, intelectual epicurista, possam lançar novas luzes sobre o autor e sua obra, talvez com novas cópias do texto. Acredita-se que em breve publicarão trechos desses livros, que se recuperam de estado de carbonização.

Parece que a informação de Jerônimo sobre o poeta, que ele ter-se-ia matado depois de tomar um filtro amoroso, repousa em tentativa de desacreditar a doutrina do materialismo e do antiprovidencialismo, perante a visão cristã. Se um poeta revela traços de personalidade em sua obra, muitos encontrarão razões de supor algo contrário à loucura nesses versos, como racionalismo e ideias claras e coerentes com a finalidade da obra.

b. Da obra

Não há sinal de antecessores epicuristas na obra de Lucrecio. Cícero que curou a edição dos versos, não nos dá possibilidade de analisar essa questão, pois não o põe em cena em seus diálogos, pois na verdade seus interlocutores são homens de política e filosofia. Mas pode-se pensar também em Ático, apolítico e epicurista, que talvez tenha orientado a edição dessa obra. Apesar de ser reconhecida como obra atraente no estilo, não se faz menção dela pela degradação dos valores autênticos da filosofia e da religião. Isso pode explicar esse silêncio, ainda que Cícero seja tido como intelectualmente honesto.

É interessante notar que Cícero não vê como superstição a religião; no *De Divinatione* ele ataca a primeira resguardando a segunda. A visão dos dois autores é contrastante, daí o silêncio sobre aquilo que é oposto. Se bem que há uma referência em *De Finibus* II, 102 que remete a *De Rerum Natura* I 74, mas é muito pouco diante de tanta importância. Se os predecessores

de Lucrécio não tinham estilo e não persuadiam pela razão, Cícero achou na obra de Lucrécio o que ele mesmo procurava dar à sua, estilo e razão, o que justifica seu cuidado com a edição póstuma.

A obra de Lucrécio pretende liberar a humanidade de todas ambições e ilusões de falsas crenças, afrontando com serenidade o espetáculo sublime da natureza: a dança dos átomos. Nesse sentido sua mensagem é universal, porque potencializa a condição humana livre de superstição. Essa desmistificação que leva à liberação quebra os laços sociais, que em Roma nessa época são invencíveis.

A classe dominante de Roma vivia profunda crise de valores, com a vida relativamente facilitada pela fortuna dos cargos da vida pública, em que incidiam riquezas de toda natureza. Por outro lado, a vida poder-se-ia mostrar vazia, uma vez que os objetivos fossem alcançados, e isso demonstrou ser corrosivo, como se sabe, pela substituição de uma religião por outra. E sabe-se que havia várias nessa época em Roma.

Pode-se entender a dedicatória a Caio Mêmio mais como um dever por patrocínio e proteção, do que explicação da doutrina a um discípulo destacado na elite, principalmente porque esse destaque só é possível pela riqueza de bens materiais. A doutrina se sobrepõe a tudo: a classe social, origem, fortuna, partido etc.; a todos é possível a inteligência da doutrina através dos versos de Lucrécio, forma literária que era avessa ao pensamento de Epicuro, já que ela representava o outro modo de ser e de pensar. A inovação de Lucrécio está não só na forma poética, mas no estilo elevado, que leva na mesma embalagem o antídoto, em que o veneno era servido. Talvez os antecessores de Lucrécio não obtiveram êxito porque não ousaram submeter a doutrina libertadora do medo a uma forma literária já consagrada pela tradição; ou talvez não tivessem pensado nisso. Também não se pode dizer que com Lucrécio a doutrina obteve êxito, mas deve-se admitir que ela passou a ser reconhecida através de sua obra. Assim demonstram os versos:

‘daí porque de obscura coisa eu fixo tão lúcidos
cantos, tocando tudo com a graça de musa.
Isso que na verdade não é visto por nenhuma doutrina; 935
mas como quando os médicos tentam dar às crianças
horríveis remédios, antes cobrem os copos, em torno
de suas beiradas, de licor doce e flavo de mel,
como a idade impróvida das crianças será iludida
até os lábios, enquanto deva beber até o fim o amargo 940
líquido do absinto, e não perceba ter sido enganada,
mas antes, por tal artifício, ela se reestabeleça tendo sido deleitada;’

Essa forma de persuadir é que envolve o pensamento de homens obstinados e decididos como Cícero, que ciente de suas convicções não hesita em curar a edição de uma obra subversiva em sua essência.

DE RERUM NATURA, LIVRO I

DE RERUM NATURA, LIBER I

PRELÚDIO

I. INVOCÇÃO A VÊNUS

Genetrix dos Enéades, prazer de homens e de deuses,
 alma Vênus, sob os signos errantes do céu,
 que o mar návigero, e que as terras frugíferas
 povoa, por ti, uma vez que todo o gênero dos viventes é
 concebido e nascido avista a luz do sol. 5

De ti, deusa, de ti fogem os ventos, de ti fogem as nuvens do céu,
 do teu advento, para ti submete a dedálea terra
 suaves flores, para ti riem as superfícies do mar
 e o plácido céu brilha com difusa luminosidade.

Pois, simultaneamente, o aspecto vernal do dia está patente, 10
 e liberada a aura fecunda do favônio revigora-se.

Primeiro, no ar os pássaros te anunciam, diva, teu
 início, tocados por tua força nos corações.

Daí, os feros rebanhos percorrem ricas pastagens
 e atravessam as rápidas correntes: assim, tomado de encanto, 15
 cada animal te segue, cupidamente, aonde tu continuas a conduzir.

Por fim, por mares e montes, rios arrebatadores,

Aeneadum genetrix, hominum divomque voluptas,
 alma Venus, caeli subter labentia signa
 quae mare navigerum, quae terras frugiferentis
 concelebras, per te quoniam genus omne animantum
 concipitur visitque exortum lumina solis: 5

te, dea, te fugiunt venti, te nubila caeli
 adventumque tuum, tibi suavis daedala tellus
 summittit flores, tibi rident aequora ponti
 placatumque nitet diffuso lumine caelum.

nam simul ac species patefactast verna diei 10
 et reserata viget genitabilis aura favoni,
 aerae primum volucris te, diva, tuumque
 significant initum percussae corda tua vi.

inde ferae pecudes persultant pabula laeta 14
 et rapidos tranant amnis: ita capta lepore 15
 te sequitur cupide quo quamque inducere pergis. 16

denique per maria ac montis fluviosque rapacis

frondíferas habitações das aves, e campos virentes,
 incutindo a todos brando amor no peito, fazes que
 cupidamente, todos se propaguem por séculos* de geração em geração. 20
 Visto que a natureza das coisas sozinha governas,
 sem ti, nada se delimita nos claros limites da luminosidade,
 nada se faz alegre, nada se faz amável,
 zelo que tu sejas minha companheira para os versos que hei de escrever,
 os quais eu intento compor sobre a natureza das coisas 25
 para a descendência de Mêmio, cara a nós, o qual tu, deusa, em todo
 tempo, provido de todas as coisas, quiseste elevar.
 Por isso, dá mais, diva, às minhas palavras eterno encanto.
 Nesse ínterim, faz que os feros trabalhos da guerra
 por mares e todas as terras repousem aplacados. 30
 Pois tu somente podes com paz tranquila socorrer
 os mortais, uma vez que Marte armipotente rege os feros trabalhos
 da guerra, que, muitas vezes, no teu regaço se
 aninha, vencido de eterna ferida de amor,
 e, assim, olhando com bem-feita cerviz, inclinada, 35
 sacia ávidos olhares de amor, hiante por ti,
 e de tua boca, ressupino*, pende seu espírito.
 Tu, diva, por cima envolvendo-o, recostado, com teu
 corpo santo, da boca infunde suaves sussurros,
 ínclita, pedindo plácida paz ao romanos. 40

frondiferasque domos avium camposque virentis
 omnibus incutiens blandum per pectora amorem
 efficis ut cupide generatim saecla propagent. 20
 quae quoniam rerum naturam sola gubernas
 nec sine te quicquam dias in luminis oras
 exoritur neque fit laetum neque amabile quicquam,
 te sociam studeo scribendis versibus esse,
 quos ego de rerum natura pangere conor 25
 Memmiadae nostro, quem tu, dea, tempore in omni
 omnibus ornatum voluisti excellere rebus.
 quo magis aeternum da dictis, diva, leporem.
 effice ut interea fera moenera militiai
 per maria ac terras omnis sopita quiescant; 30
 nam tu sola potes tranquilla pace iuvare
 mortalis, quoniam belli fera moenera Mavors
 armipotens regit, in gremium qui saepe tuum se
 reiicit aeterno devictus vulnere amoris,
 atque ita suspiciens tereti cervice reposta 35
 pascit amore avidos inhians in te, dea, visus
 eque tuo pendet resupini spiritus ore.
 hunc tu, diva, tuo recubantem corpore sancto
 circum fusa super, suavis ex ore loquellas
 funde petens placidam Romanis, incluta, pacem; 40

Pois, nem podemos conduzir isto com ânimo equânime em tempo iníquo para a pátria, nem a clara descendência de Mêmio, em tais situações, pode faltar para a salvação pública. Pois por si toda natureza dos deuses necessariamente é, para que usufrua do tempo imortal com suma paz, afastada dos nossos problemas, e separada ao longe; pois isenta de toda dor, isenta dos perigos, ela própria senhora de seus recursos, em nada necessitada de nós, nem dos nossos bons méritos é seduzida, nem é tocada de ira. [...]

2 APELO AO LEITOR

O que importa, ouvido favorável e ânimo alerta, afastado de cuidados, aplica à verdadeira doutrina, para que meus dons, dispostos a ti com fiel zelo, antes que sejam entendidos, não os deixes desprezados. Pois para ti da suma doutrina do céu e dos deuses começarei a dissertar e revelarei os princípios naturais, de onde a natureza toda avida cria, aumenta e nutre, ou para onde a mesma natureza as dissolve, já extintas, que havendo de voltar à vida, temos o hábito, nesta doutrina, de chamar matéria e elementos geradores e denominar

nam neque nos agere hoc patriai tempore iniquo
possumus aequo animo nec Memmi clara propago
talibus in rebus communi desse saluti.

omnis enim per se divum natura necessest

immortali aevo summa cum pace fruatur
semota ab nostris rebus seiunctaque longe;
nam privata dolore omni, privata periclis,
ipsa suis pollens opibus, nihil indiga nostri,
nec bene promeritis capitur nec tangitur ira.

Quod super est, vacuas auris animumque sagacem
semotum a curis adhibe veram ad rationem,
ne mea dona tibi studio disposta fideli,
intellecta prius quam sint, contempta relinquo.

nam tibi de summa caeli ratione deumque

55dissere incipiam et rerum primordia pandam,
unde omnis natura creet res, auctet alatque,
quove eadem rursus natura perempta resolvat,
quae nos materiem et genitalia corpora rebus
reddunda in ratione vocare et semina rerum

sementes da vida e empregar estes mesmos como elementos primários, pois é a partir desses princípios que tudo existe.

60

60appellare suemus et haec eadem usurpare corpora prima, quod ex illis sunt omnia primis.

60

2.1. ELOGIO DE EPICURO

Como a vida humana jazesse miseravelmente de olhos voltados à terra, oprimida sob grave religião, que desde as regiões celestes ostentava a cabeça, com horrível aspecto instando sobre os mortais, primeiro, um homem grego ousou levantar os olhos mortais contra ela e o primeiro a pôr-se contra.

65

Humana ante oculos foede cum vita iaceret in terris oppressa gravi sub religione, quae caput a caeli regionibus ostendebat horribili super aspectu mortalibus instans, primum Graius homo mortalis tollere contra est oculos ausus primusque obsistere contra; quem neque fama deum nec fulmina nec minitanti murmure compressit caelum, sed eo magis acrem

62

65

A quem nem a fama dos deuses, nem os raios, nem o céu com murmúrio ameaçante conteve, porém, ainda mais instiga a acre virtude do ânimo, para que desejasse romper, por primeiro, os justos ferrolhos das portas da natureza. Pois a vívida força triunfou e avançou além das muralhas longe-flamantes* do mundo, e percorreu toda a imensidão com inteligente ânimo, de onde, vencedor, relata-nos o que pode ter origem, e o que não pode. A potência finita existe afinal para tudo que de algum modo tenha um termo, que se liga profundamente à sua doutrina. Assim, a religião lançada sob os pés, por sua vez, é esmagada, a vitória nos iguala ao céu.

70

75

inritat animi virtutem, effringere ut arta naturae primus portarum claustra cupiret. ergo vivida vis animi pervicit et extra processit longe flammantia moenia mundi atque omne immensum peragravit mente animoque, unde refert nobis victor quid possit oriri, quid nequeat, finita potestas denique cuique qua nam sit ratione atque alte terminus haerens. quare religio pedibus subiecta vicissim opteritur, nos exaequat victoria caelo.

70

75

3. IMPIEDADE DA RELIGIÃO

Nestas coisas temo isto: que por acaso julgues adentrares nos ímpios princípios de doutrina, e avançares a uma via de crime, porque, ao contrário, aquela religião muito frequentemente gerou feitos criminosos e ímpios. Em Áulide, por um certo pacto, a ara da virgem Trívia deturparam vergonhosamente de sangue de Ifianassa os condutores eleitos dos Dânaos, os principais dos heróis. Quando a faixa ritual envolta nos seus cabelos virginais caiu de uma e de outra parte da face e, quando, ela percebeu o pai abatido portar-se ante os altares e, junto dele os sacerdotes ocultarem o ferro, e percebeu os cidadãos verterem lágrimas do semblante, muda de medo, caída de joelhos, tocava a terra. Em tal momento, nem podia ser útil para a miserável que, primeira, tinha dado ao rei o nome de pai. De fato, sustentada pelas mãos dos varões e tremendo muito foi conduzida às aras, não, por solene costume dos rituais, realizado, pudesse seguir o claro Himeneu, mas para que impuramente pura, no próprio tempo de se casar, caísse como triste hóstia do sacrifício do pai, que se desse feliz e fausto êxito à armada. Tantos males pôde a religião aconselhar.	80 85 90 95 100	Illud in his rebus vereor, ne forte rearis impia te rationis inire elementa viamque indugredi sceleris. quod contra saepius illa religio peperit scelerosa atque impia facta. Aulide quo pacto Triviai virginis aram Iphianassai turparunt sanguine foede ductores Danaum delecti, prima virorum. cui simul infula virgineos circum data comptus ex utraque pari malarum parte profusast, et maestum simul ante aras adstare parentem sensit et hunc propter ferrum celare ministros aspectuque suo lacrimas effundere civis, muta metu terram genibus summissa petebat. nec miserae prodesse in tali tempore quibat, quod patri princeps donarat nomine regem; nam sublata virum manibus tremibundaque ad aras deductast, non ut sollemni more sacrorum perfecto posset claro comitari Hymenaeo, sed casta inceste nubendi tempore in ipso hostia concideret mactatu maesta parentis, exitus ut classi felix faustusque daretur. tantum religio potuit suadere malorum.	80 85 90 95 100
--	---	---	---

4. POESIA MITOLÓGICA, O TERROR DA MORTE, ÊNIO

Tu mesmo já algum dia quererás te separar de nós,
 vencido por fatídicos ditos dos vates.
 Certamente, que multidão de sonhos em ti eles podem infundir,
 que possam subverter as razões da vida, 105
 e perturbar todas as tuas fortunas pelo temor!
 E mercidamente. Pois se os homens vissem que há um fim
 determinado dos sofrimentos, por alguma doutrina prevaleceriam
 em resistir às ameaças e às religiões dos vates.
 Agora, nenhuma doutrina há de resistir, nenhuma possibilidade, 110
 uma vez que na morte penas eternas é algo que se deve temer.
 Com efeito, ignora-se qual seja a natureza da alma,
 se gerada ou ao contrário seja inserida nos que venham a nascer,
 e simultaneamente pereça conosco, a morte tendo-a desunida,
 ou visite as trevas do Orco e os vastos pântanos, 115
 ou se insira em outros rebanhos, por graça divina,
 como cantou nosso Ênio, que primeiro trouxe
 do Hélicon ameno uma coroa proveniente de fronde perene,
 que, preclara, tivesse fama entre os povos itálicos,
 ese, além disso, Ênio expõe cantando nos eternos versos, 120
 que, no entanto, há templos do Aqueronte,
 onde nem nossas almas, nem nossos corpos permaneçam,

Tutemet a nobis iam quovis tempore vatum
 terriquois victus dictis desciscere quaeres.
 quippe etenim quam multa tibi iam fingere possunt
 somnia, quae vitae rationes vertere possint 105
 fortunasque tuas omnis turbare timore!
 et merito; nam si certam finem esse viderent
 aerumnarum homines, aliqua ratione valerent
 religionibus atque minis obsistere vatum.
 nunc ratio nulla est restandi, nulla facultas, 110
 aeternas quoniam poenas in morte timendum.
 ignoratur enim quae sit natura animai,
 nata sit an contra nascentibus insinuetur
 et simul intereat nobiscum morte dirempta
 an tenebras Orci visat vastasque lacunas 115
 an pecudes alias divinitus insinuet se,
 Ennius ut noster cecinit, qui primus amoeno
 detulit ex Helicone perenni fronde coronam,
 per gentis Italas hominum quae clara clueret;
 etsi praeterea tamen esse Acherusia templa 120
 Ennius aeternis exponit versibus edens,
 quo neque permaneant animae neque corpora nostra,

mas alguns simulacros pálidos de modo admirável;
 de onde, traz a si a memória de uma imagem surgida do
 sempre florescente Homero que começou a verter salsas 125
 lágrimas e a revelar a natureza das coisas com palavras¹.
 É bem por causa disso que, quando tivermos uma doutrina de
 coisas superiores, segundo a qual aconteçam os movimentos
 do sol e da lua, e por qual força tudo se gere na terra,
 então, o quanto antes por uma doutrina sagaz devemos examinar 130
 em que consistea alma e a natureza do ânimo,
 e que coisa óbvia para nós, vigilantes,
 cause terror as mentes, afetados por doença e
 sepultados por sono, de modo que pareçamos ver e ouvir
 aqueles cujos ossos a terra abraça, tendo a morte chegado. 135
 E nem me falha ao ânimo que é difícil ilustrar as obscuras descobertas
 dos Gregos nos versos latinos, principalmente quando se deve tratar
 demuitos assuntos com novas palavras, por causa
 da pobreza da língua² e da novidade das coisas.
 Mas a tua virtude — contudo também o prazer esperado da 140
 amizade — aconselha-me suportar qualquer trabalho,

sed quaedam simulacra modis pallentia miris;
 unde sibi exortam semper florentis Homeri
 commemorat speciem lacrimas effundere salsas 125
 coepisse et rerum naturam expandere dictis.
 qua propter bene cum superis de rebus habenda
 nobis est ratio, solis lunaeque meatus
 qua fiant ratione, et qua vi quaeque gerantur
 in terris, tunc cum primis ratione sagaci 130
 unde anima atque animi constet natura videndum,
 et quae res nobis vigilantibus obvia mentes
 terrificet morbo adfectis somnoque sepultis,
 cernere uti videamur eos audireque coram,
 morte obita quorum tellus amplectitur ossa. 135
 Nec me animi fallit Graiorum obscura reperta
 difficile inlustrare Latinis versibus esse,
 multa novis verbis praesertim cum sit agendum
 propter egestatem linguae et rerum novitatem;
 sed tua me virtus tamen et sperata voluptas 140
 suavis amicitiae quemvis efferre laborem

1 Referência aos **Anais** de Ênio (239 – 169 a. C.), em cujo Proêmio Homero o adverte da transmigração de sua alma para ele.

2 A língua latina tem falta do necessário vocabulário filosófico suficiente para tratar de modo adequado a filosofia epicurista, sendo assim indispensável recorrer ao neologismo.

e me induz velar as noites serenas, buscando
com quais palavras e com qual canto, afinal, eu possa
estender adiante claros lumens à tua mente, pelos
quais possas avistar profundamente as coisas ocultas.

145

suadet et inducit noctes vigilare serenas
quaerentem dictis quibus et quo carmine demum
clara tuae possim praepandere lumina menti,
res quibus occultas penitus convisere possis.

145

I. PRINCÍPIOS GERAIS: A EXISTÊNCIA DA MATÉRIA E DO VAZIO (146 – 482)

I. PRIMEIRO PRINCÍPIO: NADA NASCE DO NADA (146 – 214)

I.1. INTRODUÇÃO (146 – 148)

Portanto é necessário que nem os raios do sol e nem os dardos
lúcidos do dia afugentem este terror e trevas do ânimo,
mas o aspecto e a doutrina da natureza.

hunc igitur terrorem animi tenebrasque necessest
non radii solis neque lucida tela diei
discutiant, sed naturae species ratioque.

I.2. NADA NASCE DO NADA (149- 158)

Cujo princípio, daí, trará para nós o exórdio:
que nenhuma coisa é gerada do nada alguma vez por ação divina. 150

Uma vez que, assim, o pavor oprime todos os mortais,
porque veem acontecer muitas coisas na terra e no céu,
causas de quais consequências por nenhuma doutrina podem ver,
mas creditam ter acontecido por divino nume.

Por isso, quando tenhamos visto que nada pode ser criado 155
do nada, então, daí, examinaremos aquilo que seguimos agora mais

Principium cuius hinc nobis exordia sumet,
nullam rem e nihilo gigni divinitus umquam. 150

quippe ita formido mortalis continet omnis,
quod multa in terris fieri caeloque tuentur,
quorum operum causas nulla ratione videre
possunt ac fieri divino numine rentur.

quas ob res ubi viderimus nil posse creari 155
de nihilo, tum quod sequimur iam rectius inde

corretamente: de onde qualquer coisa possa ser criada, e de algum modo toda consequência aconteça sem participação dos deuses.

perspiciemus, et unde queat res quaeque creari
et quo quaeque modo fiant opera sine divom.

I.3. PROVAS DO PRIMEIRO PRINCÍPIO (159 - 214)

I.3.1. PRIMEIRA PROVA (159 – 153)

Pois se do nada surgissem, de todas as coisas todo
gênero poderia nascer, nada necessitaria de sementes da vida. 160

mar primeiro os homens, do poderia surgir o gênero
escamífero, e os pássaros poderiam irromper do céu;
criações e outros rebanhos, e todo gênero das feras,
ocupariam por incerto parto locais cultivados e desertos.

Nem os mesmos frutos costumariam permanecer nas árvores, 165
mas mudariam, todas poderiam portar tudo.

Então, quando não houvesse elementos geradores para cada
coisa, como poderia existir para tudo uma mãe certa?

Mas agora porque cada coisa se gera por certas sementes,
onde está a matéria e os elementos primários de cada ser, 170

daí ela nasce e transpõe os limites para a luz;
e por isto tudo não pode se gerar a partir de tudo,
porque há em certas coisas o recurso particular.

Nam si de nihilo fierent, ex omnibus rebus
omne genus nasci posset, nil semine egeret. 160

e mare primum homines, e terra posset oriri
squamigerum genus et volucres erumpere caelo;
armenta atque aliae pecudes, genus omne ferarum,
incerto partu culta ac deserta tenerent.

nec fructus idem arboribus constare solerent, 165
sed mutarentur, ferre omnes omnia possent.

quippe ubi non essent genitalia corpora cuique,
qui posset mater rebus consistere certa?

at nunc seminibus quia certis quaeque creantur,
inde enascitur atque oras in luminis exit, 170

materies ubi inest cuiusque et corpora prima;
atque hac re nequeunt ex omnibus omnia gigni,
quod certis in rebus inest secreta facultas.

I.3.2. SEGUNDA PROVA (174 – 183)

Além disso, por que vemos se difundir rosa na primavera,
 cereais no calor e videiras no convidativo outono, 175
 senão porque, quando afluem em conjunto as sementes certas
 a seu tempo enquanto as estações se apresentam, abre-se tudo
 que se cria e a vívida terra traz em segurança
 os tenros brotos para os limites da luz?
 Pois, então, onde não houver elementos primordiais, que, por 180
 fecunda união, pudessem ser contidos em tempo desigual,
 se surgissem do nada, eles, súbito, brotariam
 em espaço incerto e em alheias partes do ano.

Praeterea cur vere rosam, frumenta calore,
 vites autumnno fundi suadente videmus, 175
 si non, certa suo quia tempore semina rerum
 cum confluerunt, patefit quod cumque creatur,
 dum tempestates adsunt et vivida tellus
 tuto res teneras effert in luminis oras?
 quod si de nihilo fierent, subito exorerentur 180
 incerto spatio atque alienis partibus anni,
 quippe ubi nulla forent primordia, quae genitali
 concilio possent arceri tempore iniquo.

I.3.3. TERCEIRA PROVA (184 – 191)

Nem ainda, no espaço³, em que as coisas hão de crescer, haveria
 uso da semente para a união, se do nada pudessem crescer, 185
 Pois, súbito, surgiriam jovens a partir de pequenas crianças,
 e da terra, de repente, saltariam as plantas crescidas.
 Disso tudo é manifesto que nada acontece, uma vez que tudo cresce
 paulatinamente, e que há um par, por determinada semente,
 que crescendo preserva o gênero, de modo que possas saber 190
 que tudo se desenvolve a partir da sua própria matéria.

Nec porro augendis rebus spatio foret usus
 seminis ad coitum, si e nilo crescere possent; 185
 nam fierent iuvenes subito ex infantibus parvis
 e terraque exorta repente arbusta salirent.
 quorum nil fieri manifestum est, omnia quando
 paulatim crescunt, ut par est semine certo,
 crescentesque genus servant; ut noscere possis 190
 quicque sua de materia grandescere alicue.

³ Espaço onde se coloca a semente.

I.3.4. QUARTA PROVA (192 – 198)

Aqui, acontece que sem chuvas certas do ano a terra não seja capaz de fazer germinar frutos favoráveis, nem, além disso, a natureza dos animais, segregada de alimento, possa propagar seu gênero, nem possa guardar vida; assim pensas haver muitos corpos comuns a muitas coisas, como vemos haver letras comuns à palavras, antes de alguma coisa poder subsistir sem princípios⁴. 195

Huc accedit uti sine certis imbris anni laetificos nequeat fetus submittere tellus nec porro secreta cibo natura animantum propagare genus possit vitamque tueri; ut potius multis communia corpora rebus multa putes esse, ut verbis elementa videmus, quam sine principiis ullam rem existere posse. 195

I.3.5. QUINTA PROVA (199 – 207)

Enfim, por que a natureza não pôde preparar tamanhos homens que pudessem a pé atravessar o mar por vau, desbastar grandes montes com as mãos, e, vivendo muitos séculos, vencer os limites vitais, senão porque a matéria atribuída às coisas é certa, a partir da qual consta o que pode surgir para o que há de nascer? Portanto deve-se admitir que nada pode surgir do nada, uma vez que é preciso semente para as coisas para que cada criatura possa ser levada às suaves auras do céu. 200 205

Denique cur homines tantos natura parare non potuit, pedibus qui pontum per vada possent transire et magnos manibus divellere montis multaque vivendo vitalia vincere saecla, si non, materies quia rebus reddita certast gignundis, e qua constat quid possit oriri? nil igitur fieri de nilo posse fatendumst, semine quando opus est rebus, quo quaeque creatae aeris in teneras possint proferrier auras. 200 205

⁴ Conclusão enfática mostrando que nada nasce do nada, ou seja, que é necessário subsistir algo antes pelos princípios naturais.

I.3.6. SEXTA PROVA (208 — 214)

Uma vez que ao fim vemos os locais cultivados superar os incultos, e render às mãos melhores frutos, é claro que na terra há princípios naturais, que nós, revolvendo as glebas fecundas com arado e alcançando o solo profundo, trazemos à luz. Pois se nada houvesse, verias sem nosso trabalho algumas coisas surgir muito melhores espontaneamente.

210

Postremo quoniam incultis praestare videmus
culti loca et manibus melioris reddere fetus,
esse videlicet in terris primordia rerum
quae nos fecundas vertentes vomere glebas
terraique solum subigentes cimus ad ortus;
quod si nulla forent, nostro sine quaeque labore
sponte sua multo fieri meliora videres.

210

2. SEGUNDO PRINCÍPIO: NADA RETORNA AO NADA (215 — 264)

2.1. ENUNCIÇÃO DA TESE (215 — 216)

Daí sucede que o que a natureza desfaz novamente em seus elementos, não o extingue para o nada.

215

Huc accedit uti quicque in sua corpora rursum
dissoluat natura neque ad nihilum interemat res.

215

2.2. PROVAS DO SEGUNDO PRINCÍPIO (217 — 264)

2.2.1. PRIMEIRA PROVA (217 — 224)

De fato, se algo mortal existisse a partir de cada parte em conjunto,

Nam siquid mortale e cunctis partibus esset,

de repente cada coisa pereceria, arrebatada da vista.
 Porque isso seria usual sem alguma força que pudesse
 produzir a separação das partes e dissolver-lhe as ligações. 220
 Uma vez que tudo subsiste por semente eterna,
 até que uma força que se opôs destroce tudo por golpe
 ou interpenetre através dos espaços vazios e tudo dissolva,
 porque agora a natureza admite que nenhuma morte seja vista.

ex oculis res quaeque repente erepta periret;
 nulla vi foret usus enim, quae partibus eius
 discidium parere et nexus exsolvere posset. 220
 quod nunc, aeterno quia constant semine quaeque,
 donec vis obiit, quae res diverberet ictu
 aut intus penetret per inania dissoluatque,
 nullius exitium patitur natura videri.

2.2.2. SEGUNDA PROVA (225 — 237)

Além disso, o tempo remove tudo pela velhice, 225
 se intimamente ele destrói, consumindo toda a matéria,
 de onde Vênus reconduz por gerações o gênero animado
 à luz da vida, ou de onde a dedálea terra alimenta e faz crescer
 o gênero reconduzido, oferecendo-lhe pastos por gerações?
 De onde fontes nativas fomentam mar e, de longe, os rios 230
 estrangeiros? De onde o éter nutre os astros?
 De fato, o tempo infinito deve ter consumido tudo que é de corpo
 mortal, e também os dias devem ter consumido tudo que está feito antes.
 Porque, se nesse intervalo e no tempo decorrido, existiu isso,
 a partir do que consiste a totalidade, refeita das coisas naturais, 235
 certamente, isso é provido de natureza imortal.
 Portanto, todas as coisas não podem reverter ao nada.

Praeterea quae cumque vetustate amovet aetas, 225
 si penitus peremit consumens materiem omnem,
 unde animale genus generatim in lumina vitae
 redducit Venus, aut reductum daedala tellus
 unde alit atque auget generatim pabula praebens?
 unde mare ingenui fontes externaque longe 230
 flumina suppeditant? unde aether sidera pascit?
 omnia enim debet, mortali corpore quae sunt,
 infinita aetas consumpsit ante acta diesque.
 quod si in eo spatio atque ante acta aetate fuere
 e quibus haec rerum consistit summa relecta, 235
 immortalis sunt natura praedita certe.
 haud igitur possunt ad nilum quaeque reverti.

2.2.3. TERCEIRA PROVA (238 — 249)

Afinal, para o vulgo, a mesma força e causa, tendo interrompido
menos ou mais as ligações entre si, destruiria todas as coisas,
se a matéria eterna não as mantivesse. 240

Com efeito, o contato seria causa suficiente de morte,
pois nada haveria eterno de corpo, cujo nexo
alguma força haveria de dissolver.

Agora, uma vez que constam entre si nexos dissimiles
dos princípios e a matéria é eterna, 245
as coisas permanecem incólumes no corpo, até que uma força
suficientemente aguda se oponha à composição encontrada de cada um.

Portanto, coisa alguma não retorna ao nada, mas todas elas
retornam por dissídio aos elementos primários em matéria.

2.2.4. QUARTA PROVA (250 — 264)

Enfim, as chuvas perecem onde o pai éter 250
as precipitou ao seio da terra mãe,
e surgem nítidos frutos e os ramos verdejam
nas árvores, elas crescem e se encorpam de semente,
daí, então, o gênero nosso e das feras se alimenta,
daí vemos cidades felizes florescerem com crianças, 255

Denique res omnis eadem vis causaque volgo
conficeret, nisi materies aeterna teneret,
inter se nexus minus aut magis indupedita; 240

tactus enim leti satis esset causa profecto,
quippe ubi nulla forent aeterno corpore, quorum
contextum vis deberet dissolvere quaeque.

at nunc, inter se quia nexus principiorum
dissimiles constant aeternaque materies est, 245
incolumi remanent res corpore, dum satis acris
vis obeat pro textura cuiusque reperta.

haud igitur redit ad nihilum res ulla, sed omnes
discidio redeunt in corpora materiai.

postremo pereunt imbres, ubi eos pater aether 250
in gremium matris terrai praecipitavit;

at nitidae surgunt fruges rami que virescunt
arboribus, crescunt ipsae fetu que gravantur.

hinc alitur porro nostrum genus atque ferarum,
hinc laetas urbes pueris florere videmus 255

e por toda parte os bosques frondíferos ressoarem com novas aves;
daí os gados cansados pelo peso depõem os corpos
pelos felizes pastos, e o cândido líquido lácteo emana
dos úberes distendidos; daí nova prole brinca,
jovial, com os membros inseguros pelas ervas tenras, 260
com as mentes novinhas abaladas por leite puro.
Portanto, não parece completamente aquilo que se vê,
uma vez que a natureza refaz uma coisa de outra, e nem
suporta algo gerar-se senão favorecido com morte alheia.

frondiferasque novis avibus canere undique silvas,
hinc fessae pecudes pinguis per pabula laeta
corpora deponunt et candens lacteus humor
uberibus manat distentis, hinc nova proles
artubus infirmis teneras lasciva per herbas 260
ludit lacte mero mentes percussa novellas.
haud igitur penitus pereunt quaecumque videntur,
quando alit ex alio reficit natura nec ullam
rem gigni patitur nisi morte adiuta aliena.

3. TERCEIRO PRINCÍPIO: A EXISTÊNCIA DOS ÁTOMOS (265 — 328)

3.1. INTRODUÇÃO (265 — 270)

Então, continuemos, umas vez que eu ensinei que algo não se criar
do nada, e nem a geração do mesmo modo pode voltar ao nada,
para que talvez de modo algum comeces a desconfiar do que se disse,
porque os princípios naturais não podem ser discernir com os olhos,
aceita, sobretudo, que seguramente é necessário que reconheças que
aqueles corpos que estão nas coisas não podem ser vistos. 270

Nunc age, res quoniam docui non posse creari 265
de nihilo neque item genitas ad nil revocari,
ne qua forte tamen coeptes diffidere dictis,
quod nequeunt oculis rerum primordia cerni,
accipe praeterea quae corpora tute necessessest
confiteare esse in rebus nec posse videri. 270

3.2. PROVAS DA EXISTÊNCIA DOS ÁTOMOS (271 – 328)

3.2.1. PRIMEIRA PROVA: O VENTO (271 – 297)

Primeiro, a força do vento açoita, agitada, o mar,
 arruína ingentes naus e dispersa as nuvens,
 enquanto percorrendo com rápido turbilhão os campos,
 entulha de grandes árvores, e abala os montes mais altos
 com rajadas silvífragas⁵: assim o vento se enfurece com agudo
 frêmito e se encoleriza com minaz rugido. 275

Portanto, os elementos do vento, certamente, são invisíveis
 que o mar e terras, e enfim, as nuvens do céu
 varrem, e súbito arrastam em turbilhão tudo que é abatido,
 não fluem por razão diferente e propagam a destruição, 280

e quando a natureza suave da água de repente muda-se
 em rio que inunda, que, com excessivas enxurradas, a grande
 descida de água dos altos monte faz aumentar,
 levando junto fragmentos dos bosques e árvores inteiras,
 nem as válidas pontes podem suportam a súbita força 285
 da água que vem; e assim, o riacho, agitado por grande
 enxurrada, avança com força contra válidas massas,
 com grande estrondo causa estrago, e revolve sob as ondas
 grandes pedras, e arruína o que quer que obste as ondas.

Principio venti vis verberat incita corpus
 ingentisque ruit navis et nubila differt,
 inter dum rapido percurrens turbine campos
 arboribus magnis sternit montisque supremos
 silvifragis vexat flabris: ita perfurit acri 275
 cum fremitu saevitque minaci murmure pontus.
 sunt igitur venti ni mirum corpora caeca,
 quae mare, quae terras, quae denique nubila caeli
 verrunt ac subito vexantia turbine raptant, 280
 nec ratione fluunt alia stragemque propagant
 et cum mollis aquae fertur natura repente
 flumine abundanti, quam largis imbris auget
 montibus ex altis magnus decursus aquai
 fragmina coniciens silvarum arbustaque tota,
 nec validi possunt pontes venientis aquai 285
 vim subitam tolerare: ita magno turbidus imbri
 molibus incurrit validis cum viribus amnis,
 dat sonitu magno stragem volvitque sub undis
 grandia saxa, ruit qua quidquid fluctibus obstat.

Portanto, assim, as rajadas do vento devem-se levar, 290
 que, quando se estendem em toda parte, como um forte
 rio, empurram e arruinam tudo adiante com
 frequentes ataques, enquanto os rápidos ventos
 arrebataam em tortuoso vórtice, e levam em envolvente turbilhão.
 Por isso mesmo é que os elementos do vento são invisíveis, 295
 uma vez que por feitos e comportamentos se encontram sendo
 êmulos de grandes correntes, que são de elemento manifesto.

sic igitur debent venti quoque flamina ferri, 290
 quae vel uti validum cum flumen procubueru
 quam libet in partem, trudunt res ante ruuntque
 impetibus crebris, inter dum vertice torto
 corripiunt rapidique rotanti turbine portant.
 quare etiam atque etiam sunt venti corpora caeca, 295
 quandoquidem factis et moribus aemula magnis
 amnibus inveniuntur, aperto corpore qui sunt.

3.2.2. SEGUNDA PROVA: OS ODORES E OUTRAS SENSACÕES (298 – 304)

Então, além disso, sentimos os vários odores das coisas,
 contudo, não discernimos alguma vez quando vêm ao nariz,
 e nem vemos os cálidos ardores, nem somos capazes de apreender 300
 o frio com os olhos, nem costumamos discernir vozes;
 contudo, é necessário que tudo consta de natureza
 corpórea, para que possam estimular os sentidos,
 tocar, então, e ser tocado, a não ser corpo, nenhuma coisa pode.

Tum porro varios rerum sentimus odores
 nec tamen ad naris venientis cernimus umquam
 nec calidos aestus tuimur nec frigora quimus 300
 usurpare oculis nec voces cernere suemus;
 quae tamen omnia corporea constare necesses
 natura, quoniam sensus inpellere possunt;
 tangere enim et tangi, nisi corpus, nulla potest res.

3.2.3. TERCEIRA PROVA: AS VESTES LAVADAS E ENXUTAS (305 - 310)

Enfim, as vestes suspensas no litoral quebra-ondas 305
 molham-se, e estas, estendidas ao sol, secam,
 e nem, por qual modo tenha se assentado o humor da água,
 é visto, e nem ainda por qual modo ele tenha fugido pelo ardor.

Denique fluctifrago suspensae in litore vestis 305
 uvescunt, eaedem dispansae in sole serescunt.
 at neque quo pacto persederit umor aquai
 visumst nec rursum quo pacto fugerit aestu.

Portanto, o humor se esparge em pequenas partes, que
por nenhuma razão os olhos podem ver. 310

in parvas igitur partis dispergitur umor,
quas oculi nulla possunt ratione videre. 310

3.2.4. QUARTA PROVA: FENÔMENOS INVISÍVEIS I (311 – 321)

E ainda muitos anos do ciclo do sol retornando,
O anel se desfaz aos poucos no dedo que há de possuir,
a queda de gotas escava a lápide, a adunca relha férrea
do arado decresce ocultamente nas lavouras,
e já constatamos as camadas pétreas das vias, desgastadas 315
pelos pés do vulgo; então, diante das portas as estátuas
de bronze estendem as mãos direitas, sendo desgastadas
pelo frequente tato daqueles que a saúdam antes de passar.
Portanto, vemos que essas coisas se diminuem quanto tenham sido
desgastadas, mas então os corpos que decaírem no tempo, 320
invejosa, a natureza impediu de ver como imagem.

quin etiam multis solis redeuntibus annis
anulus in digito subter tenuatur habendo,
stilicidi casus lapidem cavat, uncus aratri
ferreus occulte decrescit vomer in arvis,
strataque iam volgi pedibus detrita viarum 315
saxea conspicimus; tum portas propter aena
signa manus dextras ostendunt adtenuari
saepe salutantum tactu praeterque meantum.
haec igitur minui, cum sint detrita, videmus.
sed quae corpora decedant in tempore quoque, 320
invida praeclusit speciem natura videndi.

3.2.5. QUINTA PROVA: FENÔMENOS INVISÍVEIS II (322 – 328)

Por fim, tudo que dias e natureza paulatinamente
atribui às coisas, moderadamente coagindo a crescer,
nenhuma acuidade dos olhos, a contento, pode olhar;
e nem, além disso, tudo que envelhece com o idade e desgaste, 325
e nem as rochas consumidas por comestível sal que se inclinam ao mar

Postremo quae cumque dies naturaque rebus
paulatim tribuit moderatim crescere cogens,
nulla potest oculorum acies contenta tueri,
nec porro quae cumque aevo macieque senescunt, 325
nec, mare quae impendent, vesco sale saxa peresa

podes distinguir, porque também se perdem no tempo.
Por isso, a natureza gere as coisas para corpos não visíveis.

quid quoque amittant in tempore cernere possis.
corporibus caecis igitur natura gerit res.

4. QUARTO PRINCÍPIO: O VAZIO (329 — 369)

4.1. INTRODUÇÃO (329 — 334)

Nem, no entanto, tudo se mantém, por toda parte, condensado
por ser de natureza corpórea, pois há nas coisas um vazio. 330
Pois para ti será útil ter conhecimento em muitas coisas,
e isso não permitirá, errante, hesitar e questionar sempre
da soma das coisas, e desconfiar das nossas palavras.
Por isso o vazio é um lugar inalcançado e vago.

Nec tamen undique corporea stipata tenentur 330
omnia natura; namque est in rebus inane.
quod tibi cognosse in multis erit utile rebus
nec sinet errantem dubitare et quaerere semper
de summa rerum et nostris diffidere dictis.
qua propter locus est intactus inane vacansque.

4.2. PROVA NEGATIVA (335 — 345)

Se este não existisse, por nenhuma razão as coisas poderiam 335
se mover; portanto, a função que do corpo se destaca,
resistir e obstar, esta, em todo tempo, estaria presente
em todas coisas; e então nada poderia se deslocar,
uma vez que nenhuma coisa daria o princípio de deslocar.
E agora por mares e terras, e pelas alturas do céu, 340
muitas coisas de muitos por variada razão percebemos
ante os olhos que se movem, as quais, se não existisse o vazio,

quod si non esset, nulla ratione moveri 335
res possent; namque officium quod corporis exstat,
officere atque obstar, id in omni tempore adesset
omnibus; haud igitur quicquam procedere posset,
principium quoniam cedendi nulla daret res.
at nunc per maria ac terras sublimaque caeli 340
multa modis multis varia ratione moveri
cernimus ante oculos, quae, si non esset inane,

tanto, isentas, não careciam de movimento solícito,
quanto, nascidas, absolutamente por nenhuma razão existiriam,
visto que, por toda parte, a matéria estaria em repouso, condensada. 345

non tam sollicito motu privata carerent
quam genita omnino nulla ratione fuissent,
undique materies quoniam stipata quiesset. 345

4.3. PASSAGEM ATRAVÉS DE OBJETOS SÓLIDOS (346 - 357)

Além disso, ainda que as coisas se julguem ser sólidas,
daí, contudo, é lícito que percebas que as elas são com corpo rarefeito.
nas cavernas rochosas o humor líquido das águas
infiltra-se, e tudo flui em abundantes gotas.
O alimento se dissipa por todo corpo dos viventes, 350
as árvores crescem, e os frutos se difundem no seu tempo,
porque o alimento se difunde desde as profundas raízes
até as partes inteiras: por troncos e por todos os ramos.
Entre divisórias permeiam as vozes e voejam pelos cômodos
da casa, e o rígido frio penetra até os ossos, 355
porque se não houvesse vazios, por onde quaisquer corpos
pudessem atravessar, por nenhuma razão verias acontecer.

Praeterea quamvis solidae res esse putentur,
hinc tamen esse licet raro cum corpore cernas.
in saxis ac speluncis permanat aquarum
liquidus umor et uberibus flent omnia guttis.
dissipat in corpus sese cibus omne animantum; 350
crescunt arbusta et fetus in tempore fundunt,
quod cibus in totas usque ab radicibus imis
per truncos ac per ramos diffunditur omnis.
inter saepta meant voces et clausa domorum
transvolitant, rigidum permanat frigus ad ossa. 355
quod nisi inania sint, qua possent corpora quaeque
transire, haud ulla fieri ratione videres.

4.4. MASSAS DIFERENTES, MAS IGUAIS EM PESO (358 - 369)

Enfim, por que vemos umas coisas exceder outras em peso,
umas tendo forma nada maior do que outras?
De fato, se há tanto em novelo de lã quanto 360

Denique cur alias aliis praestare videmus
pondere res rebus nihilo maiore figura?
nam si tantundemst in lanae glomere quantum 360

há no chumbo, pesar a mesma massa é igual,
uma vez que a função do corpo é premer tudo para baixo,
mas a natureza do vazio permanece sem peso.

Portanto, o que é grande e igualmente parece mais leve,
declara demasiado que tem mais de vazio;

e, ao contrário, parecendo mais pesado indica haver em si
mais de massa, e dentro haver muito menos de vácuo.

Portanto, isso, que buscamos com doutrina sagaz e que
chamamos vazio, está fortemente misturado às coisas.

365

corporis in plumbo est, tantundem pendere par est,
corporis officiumst quoniam premere omnia deorsum,
contra autem natura manet sine pondere inanis.

ergo quod magnumst aequale leviusque videtur,

ni mirum plus esse sibi declarat inanis;

at contra gravius plus in se corporis esse
dedicat et multo vacui minus intus habere.

est igitur ni mirum id quod ratione sagaci
quaerimus, admixtum rebus, quod inane vocamus.

365

5. POLÊMICA CONTRA QUEM NEGA O VAZIO (370 - 417)

5.1. INTRODUÇÃO (370 — 377)

Nessas questões, para que isso não possa te desviar do que é
verdadeiro, sou impelido a prevenir o que alguns imaginam.

Dizem que o líquido cede aos que têm escamas brilhantes e
e abrem líquidas vias, porque os peixes deixa atrás
espaços por onde podem confluir as ondas cedentes.

Assim também outras coisas podem se mover e mudar
de lugar, ainda que tudo esteja cheio.

Isso tudo foi aceito com falsa doutrina.

370

Illud in his rebus ne te deducere vero
possit, quod quidam fingunt, praecurrere cogor.

cedere squamigeris latices nitentibus aiunt
et liquidas aperire vias, quia post loca pisces
linquant, quo possint cedentes confluere undae;

sic alias quoque res inter se posse moveri
et mutare locum, quamvis sint omnia plena.

scilicet id falsa totum ratione receptumst.

370

375

375

5.2. DEMONSTRAÇÃO (378 — 390)

Pois aonde os que têm escamas poderão avançar, afinal, se o meio líquido não tiver dado espaço? Até que ponto as ondas poderão conceder espaço, quando os peixes não forem capazes de avançar? Portanto, ou deve-se privar de movimento alguns corpos ou deve-se se dizer que o vazio está misturado as coisas, de onde cada coisa toma o princípio de mover-se. Depois do concurso de dois corpos lançados, caso eles se choquem repentinamente, na verdade, é necessário que ar ocupe todo o vazio que surge entre os corpos. Ainda que o ar conflua, em torno, com rápidas correntes, não poderá, contudo, em um só tempo, encher todo o espaço, pois é necessário que primeiro ele ocupe cada espaço, daí todos serão ocupados.

5.3. REFUTAÇÃO DE UMA HIPÓTESE ALTERNATIVA (391 — 397)

Porque se acaso alguém, pensa, quando os corpos se desfizeram, que isso aconteceu porque o ar tenha se condensado, ele erra; pois o vácuo que não existia, então, acontece e se enche novamente o vácuo que antes constava, e nem por tal doutrina pode o ar tornar-se denso, e nem, se então pudesse, poderia sem o vazio, creio: ele deveria trazer em si e conduzir as partes à unidade.

Nam quo squamigeri poterunt procedere tandem,
 ni spatium dederint latices? concedere porro
 quo poterunt undae, cum pisces ire nequibunt?
 aut igitur motu privandumst corpora quaeque
 aut esse admixtum dicundumst rebus inane,
 unde initum primum capiat res quaeque movendi.
 Postremo duo de concursu corpora lata
 si cita dissiliant, nempe aer omne necessest,
 inter corpora quod fiat, possidat inane.
 is porro quamvis circum celerantibus auris
 confluat, haud poterit tamen uno tempore totum
 compleri spatium; nam primum quemque necessest
 occupet ille locum, deinde omnia possideantur.

5.4. CONCLUSÃO E APELO AO LEITOR (398 — 417)

Por causa do que, ainda que detenhas questionando muitas coisas,
necessário é admitires, contudo, haver o vazio nas coisas.

Além disso, posso lembrando muitos argumentos 400
acrescentar aos nossos ditos a confiança;

na verdade, esses poucos vestígios são o bastante ao ânimo
sagaz, pelos quais tu mesmo possas conhecer o restante.

Assim, como os cães encontram frequentemente com as
narinas carcaças cobertas de fronde, de feras montívagas, 405

logo que perseguiram os vestígios certos do caminho,
assim, por ti mesmo, poderás ver uma coisa a partir
de outra em tais argumentos, e te insinuar em todas os
obscuros segredos e retirar daí o verdadeiro.

Porque se te demoras ou te afastas um pouco do assunto, 410
posso te prometer, Mêmio, isso, planejado.

A língua suave de dizer difunde desde o
meu peito jorros de grandes fontes, largos a tal ponto

que eu tema que a tarda velhice se insinue
por nossos membros, e nos dissolva os portais da vida, 415

antes que toda a cópia de argumentos sobre única questão
qualquer que seja, em versos, seja enviada a ti pelos ouvidos.

Qua propter, quamvis causando multa moreris,
esse in rebus inane tamen fateare necessest.

multaque praeterea tibi possum commemorando 400
argumenta fidem dictis conradere nostris.

verum animo satis haec vestigia parva sagaci
sunt, per quae possis cognoscere cetera tute.

namque canes ut montivagae persaepe ferai
naribus inveniunt intactas fronde quietes, 405

cum semel institerunt vestigia certa viai,
sic alid ex alio per te tute ipse videre

talibus in rebus poteris caecasque latebras
insinuare omnis et verum protrahere inde.

quod si pigraris paulumve recesseris ab re, 410
hoc tibi de plano possum promittere, Memmi:

usque adeo largos haustus e fontibus magnis
lingua meo suavis diti de pectore fundet,

ut verear ne tarda prius per membra senectus
serpat et in nobis vitai claustra resolvat, 415

quam tibi de quavis una re versibus omnis
argumentorum sit copia missa per auris.

6. MATÉRIA E VAZIO NO UNIVERSO: RECAPITULAÇÃO (418 — 448)

Mas agora, para que eu retome o tema entrelaçando com palavras;
toda natureza, como é propriamente por si, está
constituída em duas coisas: pois há corpos e vazio,
em que estes estão situados e por onde se move, diversamente.

420

O senso comum declara que o corpo por si existe,
em que a confiança valerá apenas fundamentada como primeira,
não haverá sobre as coisas ocultas por onde, retomando-as,
possamos confirmar algo pela razão do espírito.

425

Além disso, local e espaço que chamamos vazio,
se nenhum houvesse, em nenhum lugar poderiam estar situados,
e nem absolutamente mover diversamente por algum lugar;
isso que está acima já um pouco antes te mostramos.

430

Além disso, nada há que possas dizer ser disjunto
de todo corpo e segregado do vazio,
como se fosse em número uma terceira natureza descoberta.

Pois, o que quer que seja, deverá ser algo por si mesmo;
se isso, ainda que leve e exíguo, for tocado por algo,
aumentará o tamanho do corpo e alcançará o máximo,
por acréscimo, afinal, ou grande ou pequeno, enquanto exista.

435

Se isso for intangível, que, de nenhuma parte, possa impedir,
alguma coisa, movendo-se, de atravessar por meio dele,
isso será exatamente o vácuo que chamamos de vazio.

Sed nunc ut repetam coeptum pertexere dictis,
omnis ut est igitur per se natura duabus
constitit in rebus; nam corpora sunt et inane,
haec in quo sita sunt et qua diversa moventur.

420

corpus enim per se communis dedicat esse
sensus; cui nisi prima fides fundata valebit,
haut erit occultis de rebus quo referentes
confirmare animi quicquam ratione queamus.

425

tum porro locus ac spatium, quod inane vocamus,
si nullum foret, haut usquam sita corpora possent
esse neque omnino quoquam diversa meare;
id quod iam supera tibi paulo ostendimus ante.

430

praeterea nihil est quod possis dicere ab omni
corpore seiunctum secretumque esse ab inani,
quod quasi tertia sit numero natura reperta.

nam quod cumque erit, esse aliquid debebit id ipsum
augmine vel grandis vel parvo denique, dum sit;
cui si tactus erit quamvis levis exiguusque,

435

corporis augebit numerum summamque sequetur;
sin intactile erit, nulla de parte quod ullam
rem prohibere queat per se transire meantem,
scilicet hoc id erit, vacuum quod inane vocamus.

Portanto, o que quer que seja por si, ou fará algo, ou deverá ele mesmo ser moldado por outros agentes, ou existirá para que as coisas possam estar nele e ser geridas. Mas nenhuma coisa pode fazer ou ser moldada sem corpo, nem fornecer espaço, senão o vazio e o vácuo.	440	Praeterea per se quod cumque erit, aut faciet quid aut aliis fungi debebit agentibus ipsum aut erit ut possint in eo res esse gerique. at facere et fungi sine corpore nulla potest res nec praebere locum porro nisi inane vacansque.	440
Logo, além do vazio e dos corpos, nenhuma terceira natureza das coisas, pode restar em número por si, que não incidirá nos nossos sentidos em algum momento, nem alguém poderá alcançá-la por razão do espírito.	445	ergo praeter inane et corpora tertia per se nulla potest rerum in numero natura relinqui, nec quae sub sensus cadat ullo tempore nostros nec ratione animi quam quisquam possit apisci.	445

7. PROPRIEDADES E ACIDENTES (449 — 482)

De fato, o que quer que tenha nome, ou encontrarás conjunto a estas duas coisas ou o verás proveniente delas.	450	Nam quae cumque cluent, aut his coniuncta duabus rebus ea invenies aut horum eventa videbis.	450
Conjunto é o que nunca pode se separar e se agregar sem permissiva abertura, como é o peso para as pedras, o calor para o fogo, o líquido para a água, o tato para todos os corpos, e o intacto para o vazio.	455	coniunctum est id quod nusquam sine permittiali discidio potis est seiungi seque gregari, pondus uti saxis, calor ignis, liquor aquai, tactus corporibus cunctis, intactus inani.	455
Ao contrário, servidão, pobreza e riquezas, liberdade, guerra e concórdia, e outras coisas cuja natureza permanece incólume na chegada e na saída, estas estamos acostumados, para que sejam um par, a chamar acidentes. O próprio tempo por si não existe, mas o sentido se segue das próprias coisas: na eternidade, aquilo que tenha decorrido,	460	servitium contra paupertas divitiaeque, libertas bellum concordia cetera quorum adventu manet incolumis natura abituque, haec soliti sumus, ut par est, eventa vocare. tempus item per se non est, sed rebus ab ipsis consequitur sensus, transactum quid sit in aevo,	460

então, aquilo que esteja, e o que daí se seguirá.
 Ninguém deve declarar perceber o tempo por si,
 separado do movimento e do plácido repouso das coisas.
 E afinal, quando dizem a tindarida ser raptada, e as gentes troianas
 submetidas pela guerra, deve-se ver que talvez essas coisas 465
 não nos obrigam a declarar que existam por si,
 uma vez que o tempo irrevogável já pretérito tenha apagado
 aquelas gerações de homens, das quais foram estes eventos.
 Pois o que quer que tenha acontecido poderá
 ser dito um evento para a terra e outro para as próprias regiões⁶. 470
 Afinal, se nenhuma matéria das coisas existisse,
 nem lugar e espaço, no qual quaisquer coisas se realizam,
 nunca o fogo do amor, inflamado pela beleza
 da tindarida, ardendo sob o peito frígido de Alexandre,
 teria acendido os claros certames da cruel guerra, 475
 nem, oculto aos troianos, por um parto noturno dos gregos
 o cavalo de madeira teria inflamado Pérgamo;
 para que possas examinar que todas estas gestas, por base,
 nem constam assim como corpo nem existem,
 nem podes nomear racionalmente essas coisas em que consiste o vazio, 480
 mas para que mais por mérito possas chamar eventos
 de corpo e de lugar, em que quaisquer coisas se realizem.

tum quae res instet, quid porro deinde sequatur;
 nec per se quemquam tempus sentire fatendumst
 semotum ab rerum motu placidaque quiete.
 denique Tyndaridem raptam belloque subactas
 Troiiugenas gentis cum dicunt esse, videndumst 465
 ne forte haec per se cogant nos esse fateri,
 quando ea saecla hominum, quorum haec eventa fuerunt,
 inrevocabilis abstulerit iam praeterita aetas;
 namque aliud terris, aliud regionibus ipsis
 eventum dici poterit quod cumque erit actum. 470
 denique materies si rerum nulla fuisset
 nec locus ac spatium, res in quo quaeque geruntur,
 numquam Tyndaridis forma conflatus amore
 ignis Alexandri Phrygio sub pectore gliscens
 clara accendisset saevi certamina belli 475
 nec clam durateus Troiianis Pergama partu
 inflammasset equos nocturno Graiiugenarum;
 perspicere ut possis res gestas funditus omnis
 non ita uti corpus per se constare neque esse
 nec ratione cluere eadem qua constet inane, 480
 sed magis ut merito possis eventa vocare
 corporis atque loci, res in quo quaeque gerantur.

⁶ Terra em sentido geral, e as próprias regiões em sentido particular.

II. SOLIDEZ, ETERNIDADE E INVISIBILIDADE DOS PRIMEIROS ELEMENTOS (483 – 634)

I. INTRODUÇÃO (483 – 502)

Ademais, os corpos são, em parte, os elementos primordiais das coisas,
e, em parte, os que constam de um concílio de princípios.

Mas os que são elementos primordiais das coisas nenhuma força
pode extinguir; pois eles vencem sendo, afinal, de corpo indivisível. 485

Mesmo que pareça ser difícil crer que algo possa
se achar nas coisas de corpo inteiro.

De fato, o raio atravessa pelas divisórias do céu como pelas
das casas o clamor e as vozes; o ferro incandesce no fogo, 490

e as rochas se estilhaçam com feroz vapor fervente;
como, tendo sido amolecida, a rigidez do ouro se dissolve pelo calor,

assim, a frieza do bronze se liquefaz vencida pela chama,
o calor e o frio penetrante invadem a prata, 495

quando sentimos um e outro, segurando, ritualmente, o copo
com a mão, tendo sido despejado o humor líquido do alto.

Até aqui, nada de sólido parece existir nas coisas.

Corpora sunt porro partim primordia rerum,
partim concilio quae constant principiorum.

sed quae sunt rerum primordia, nulla potest vis 485
stinguere; nam solido vincunt ea corpore demum.

etsi difficile esse videtur credere quicquam
in rebus solido reperiri corpore posse.

transit enim fulmen caeli per saepta domorum
clamor ut ac voces, ferrum candescit in igni 490

dissiliuntque fero ferventi saxa vapore;
cum labefactatus rigor auri solvitur aestu,

tum glacies aeris flamma devicta liquescit;
permanat calor argentum penetratque frigus, 495

quando utrumque manu retinentes pocula rite
sensimus infuso lympharum rore superne.

usque adeo in rebus solidi nihil esse videtur.

Mas, vê, uma vez que a verdadeira doutrina e a natureza das coisas obrigam, enquanto, em poucos versos, explicamos haver o que consta de corpo indivisível e eterno, que ensinamos ser os elementos geradores e primórdios das coisas, de onde tudo agora consta, como suprema criação das coisas.

500

sed quia vera tamen ratio naturaque rerum cogit, ades, paucis dum versibus expediamus esse ea quae solido atque aeterno corpore constant, semina quae rerum primordiaque esse docemus, unde omnis rerum nunc constet summa creata.

500

2. SOLIDEZ, ETERNIDADE E SINGULARIDADE DOS ÁTOMOS (503 — 550)

2.1. OS ELEMENTOS PRIMÁRIO DEVEM SER INDIVISÍVEIS E SEM VAZIO (503 — 510)

Uma vez que por princípio está descoberta a dúplici natureza das duas coisas, corpo e lugar, constando como muito dissímil, em que quaisquer coisa se realizam, é necessário que ela tenha uma e outra e seja pura por si. Pois onde quer que vague o espaço, que chamamos vazio, corpo ali não há; e ainda onde quer que mantém-se corpo, ali vago de nenhum modo consta o vazio. Portanto, são indivisíveis e sem vazio os elementos primários [corpora prima].

505

510

Principio quoniam duplex natura duarum dissimilis rerum longe constare repertast, corporis atque loci, res in quo quaeque geruntur, esse utramque sibi per se puramque necessest. nam qua cumque vacat spatium, quod inane vocamus, corpus ea non est; qua porro cumque tenet se corpus, ea vacuum nequaquam constat inane. sunt igitur solida ac sine inani corpora prima.

505

510

2.2. OS ELEMENTOS PRIMÁRIOS PODEM SER ETERNOS (511 — 519)

Além disso, já que há vazio nas coisas geradas, é necessário constar ao redor a matéria indivisível,

Praeterea quoniam genitis in rebus inanest, materiem circum solidam constare necessest;

e nenhuma coisa pode, pela verdadeira doutrina, provar que o vazio [não] se oculte no seu corpo e que [não] se mantenha internamente,

se não deixes que o que contém conste como indivisível. 515

Então, nada pode haver, senão concílio

de matéria, aquele que possa conter o vazio das coisas.

Portanto, a matéria, que consta de corpo indivisível, pode ser eterna, enquanto o restante se desfaz.

nec res ulla potest vera ratione probari
corpore inane suo celare atque intus
habere,

si non, quod cohibet, solidum constare relinquas. 515

id porro nihil esse potest nisi materiai

concilium, quod inane queat rerum cohibere.

materies igitur, solido quae corpore constat,
esse aeterna potest, cum cetera dissoluantur.

2.3. OS ELEMENTOS PRIMÁRIOS DEVEM SER ETERNOS (520 — 539)

Ainda se nada houvesse que se chamasse vazio, 520

tudo seria indivisível; e se não houvesse, ao contrário, corpos determinados que completassem e ocupassem todos os lugares, tudo que espaço vago constaria como vazio.

Portanto, alternadamente, é demasiado distinto o corpo do vazio, uma vez que nem o pleno inteiramente excede 525

nem ainda o vazio. Portanto, há corpos determinados que podem distinguir o espaço vazio do pleno.

Estes não podem ser desfeitos, atingidos por golpes de fora, nem ainda podem ser refeitos, tendo sido penetrados interiormente, e nem podem, por outra doutrina experimentadas, vacilar. 530

Isso que está acima já um pouco antes te mostramos.

Pois nem parece pode ser despedaçado sem vazio

Tum porro si nil esset quod inane vocaret, 520

omne foret solidum; nisi contra corpora certa essent quae loca complerent quae cumque tenerent omne quod est spatium, vacuum constaret inane.

alternis igitur ni mirum corpus inani 525

distinctum, quoniam nec plenum naviter extat

nec porro vacuum; sunt ergo corpora certa, quae spatium pleno possint distinguere inane.

haec neque dissolui plagis extrinsecus icta possunt nec porro penitus penetrata retexi

nec ratione queunt alia temptata labare; 530

id quod iam supra tibi paulo ostendimus ante.

nam neque conlidi sine inani posse videtur

o que quer que seja, nem poder ser quebrado, nem ser fendido,
dividindo em dois, nem poder recolher humor, nem mesmo o frio invasivo,
nem o fogo penetrante, com que tudo se desfaz. 535

E quanto mais qualquer coisa contém o vazio interiormente,
tanto mais, experimentadas por essas coisas, interiormente começa a vacilar.
Portanto, se são indivisíveis e sem vazio os elementos primários
assim como ensinei, é necessário que esses sejam eternos.

2.4. SINGULARIDADES DOS ELEMENTOS PRIMÁRIOS (540 — 550)

Além disso, se a matéria não fosse eterna, 540
até então qualquer coisa retornaria ao nada absoluto
e do nada haveria nascido cada coisa que vemos.

Mas uma vez que acima ensinei que nada pode ser criado
do nada e que nem o que foi gerado pode ser revogado ao nada,
os elementos primordiais devem ser de corpo imortal, 545
até que em supremo tempo tudo possa se desfazer,
para que a matéria baste para que as coisas sejam reparadas.

Os elementos primordiais são, portanto, de indivisível simplicidade,
e não podem por outra doutrina reparar as coisas,
preservados para eternidade desde o tempo infinito. 550

quicquam nec frangi nec findi in bina secando
nec capere umorem neque item manabile frigi
nec penetralem ignem, quibus omnia conficiuntur. 535
et quo quaeque magis cohibet res intus inane,
tam magis his rebus penitus temptata labascit.
ergo si solida ac sine inani corpora prima
sunt ita uti docui, sint haec aeterna necessesit.

Praeterea nisi materies aeterna fuisset, 540
antehac ad nihilum penitus res quaeque redissent
de nihiloque renata forent quae cumque videmus.
at quoniam supra docui nil posse creari
de nihilo neque quod genitumst ad nil revocari,
esse inmortali primordia corpore debent, 545
dissolui quo quaeque supremo tempore possint,
materies ut subpeditet rebus reparandis.
sunt igitur solida primordia simplicitate
nec ratione queunt alia servata per aevom
ex infinito iam tempore res reparare. 550

3. A INDIVISÍVEL SIMPLICIDADE DOS ÁTOMOS (551 — 583)

E enfim, se a natureza nenhum fim tivesse preparado para as coisas que se devem desgastar, então os corpos da matéria estariam consumidos desde sempre, sendo a eternidade a priori desgastante, de modo que nada a partir deles, concebido por um certo tempo, pudesse alcançar o supremo fim da idade. 555

De fato vemos tudo poder ser dissolvido mais rapidamente do que novamente ser refeito; por isso a longa duração infinita do dia, de todo o tempo passado, teria desgastado até agora, aniquilando e desfazendo, aquilo que nunca poderia ser reparado no tempo restante. 560

Mas agora certamente um limite determinado do que deve ser consumido permanece certo, uma vez que vemos qualquer coisa se refazer e vemos simultaneamente os tempos finitos estarem para as coisas em geral, pelos quais possam atingir a flor da idade. 565

Aqui sucede que, como consistem de matéria os corpos mais indivisíveis, todos poderão, contudo, tornar-se maleáveis, os quais se tornam ar, água, terra, vapores, por algum pacto e por qual força cada corpo atua, uma vez que há nas coisas o vazio misturado. 570

Mas, ao contrário, se forem maleáveis os elementos primordiais das coisas, de onde poderiam criar-se o duro sílex e o ferro, não poderá razão explicar; pois desde a base, toda a

Denique si nullam finem natura parasset frangendis rebus, iam corpora materialia usque redacta forent aevo frangente priore, ut nihil ex illis a certo tempore posset conceptum summum aetatis pervadere finem. 555

nam quidvis citius dissolvi posse videmus quam rursus refici; qua propter longa diei infinita aetas ante acti temporis omnis quod fregisset adhuc disturbans dissoluensque, numquam relicuo reparari tempore posset. 560

at nunc ni mirum frangendi reddita finis certa manet, quoniam refici rem quamque videmus et finita simul generatim tempora rebus stare, quibus possint aevi contingere florem. 565

Huc accedit uti, solidissima materialia corpora cum constant, possint tamen omnia reddi, mollia quae fiunt, aer aqua terra vapores, quo pacto fiant et qua vi quaeque gerantur, admixtum quoniam semel est in rebus inane. 570

at contra si mollia sint primordia rerum, unde queant validi silices ferrumque creari, non poterit ratio reddi; nam funditus omnis

natureza carecerá de um princípio fundamental.

Os elementos potentes são, portanto, de indivisível simplicidade, dos quais todos podem ser unidos por estreitamento mais denso e mostrar válidas forças.

Então, se não há nenhum limite determinado para destruir os corpos, é necessário que cada corpo prevaleça desde a eternidade até agora nas coisas, que ainda não tem fama de ter sido tocado por algum perigo.

Mas uma vez que esses ditos corpos constam de frágil natureza, ter podido permanecer em tempo eterno discrepa esses corpos terem sido atacados por inumeráveis golpes pela eternidade.

4. IMUTABILIDADE DOS ÁTOMOS (584 — 598)

Afinal, já que consta para as coisas um determinado fim de crescer e de manter a vida de gênero a gênero, o que cada coisa consente por pactos da natureza, e o que, por outro lado, não consente, uma vez que está sancionado, e nenhum se altera, senão todas se conservam até o ponto que, os vários pássaros, como em ordem, mostrem que há no corpo manchas da espécie, e eles devem forçosamente ter corpo de matéria imutável. Pois se os elementos primordiais das coisas, refutados, pudessem ser mudados por alguma doutrina,

principio fundamenti natura carebit.

sunt igitur solida pollentia simplicitate,
quorum condenseo magis omnia conciliatu
artari possunt validasque ostendere viris.

porro si nullast frangendis reddita finis
corporibus, tamen ex aeterno tempore quaeque
nunc etiam superare necessest corpora rebus,
quae non dum clueant ullo temptata periclo.

at quoniam fragili natura praedita constant,
discrepat aeternum tempus potuisse manere
innumerabilibus plagis vexata per aevom.

Denique iam quoniam generatim reddita finis
crescendi rebus constat vitamque tenendi,
et quid quaeque queant per foedera naturai,
quid porro nequeant, sancitum quando quidem extat,
nec commutatur quicquam, quin omnia constant
usque adeo, variae volucres ut in ordine cunctae
ostendant maculas generalis corpore inesse,
inmutabilis materiae quoque corpus habere
debent ni mirum; nam si primordia rerum
commutari aliqua possent ratione revicta,

575

575

580

580

585

585

590

590

também já conste como incerto o que possa nascer,
e o que não pode. A potência finita existe afinal para tudo que de
algum modo tenha um termo, que se liga profundamente à sua doutrina.
Nem tantas vezes os séculos poderiam reproduzir de geração em geração
a natureza, os hábitos, o modo de vida e os movimentos dos pais.

595

incertum quoque iam constet quid possit oriri,
quid nequeat, finita potestas denique cuique
qua nam sit ratione atque alte terminus haerens,
nec totiens possent generatim saecla referre
naturam mores victum motusque parentum.

595

5. AS PARTES MÍNIMAS DO ÁTOMO (599 — 634)

Então, já que há algum ponto extremo desse corpo
que os nossos sentidos não podem discernir,
ele se apresenta absolutamente sem partes
e subsiste de natureza mínima⁷ e não existiu alguma vez
por si em separado, e nem depois terá valor de ser,
uma vez que ele mesmo é parte de outro, primeira e única,
daí umas e outras são partes semelhantes por ordem,
compactada a marcha, completam a natureza do corpo,
as quais, umas vez que por si não podem constar, é necessário
ligar-se aonde por nenhuma razão possam ser arrancadas.
Os elementos primordiais são, portanto, de indivisível simplicidade,
os quais, condensados, se coligam às mínimas partes por artifício,
não conciliados por convenção dessas [mínimas partes],
mas mais potentes em eterna simplicidade,
de onde já a natureza nem concede algo ser removido

600

605

610

Tum porro quoniam est extremum quodque cacumen
corporis illius, quod nostri cernere sensus
iam nequeunt, id ni mirum sine partibus extat
et minima constat natura nec fuit umquam
per se secretum neque post hac esse valebit,
alterius quoniamst ipsum pars primaque et una,
inde aliae atque aliae similes ex ordine partes
agmine condense naturam corporis explent;
quae quoniam per se nequeunt constare, necessest
haerere unde queant nulla ratione revelli.
sunt igitur solida primordia simplicitate,
quae minimis stipata cohaerent partibus arte.
non ex illorum conventu conciliata,
sed magis aeterna pollentia simplicitate,
unde neque avelli quicquam neque deminui iam

600

605

610

⁷ Timeu, (a constituição da alma)

nem diminuído, preservando as sementes nas coisas.

Além disso, haverá senão um mínimo e pequeníssimos
constarão alguns corpos de partes indefiníveis,
de modo que aí uma parte média de outra sempre terá
sua parte média, e nenhuma coisa será definida antes⁸.

Portanto, o que se conhece da parte máxima e mínima das coisas?

Nada há que se destaque; pois uma vez que desde a base
toda parte extrema seja indefinível, contudo, os corpos,
pequeníssimos que são, constarão de partes igualmente indefiníveis.

Pois uma vez que a verdadeira doutrina reafirma e nega
que o ânimo possa crer, é necessário admitires, vencido,
existir aqueles elementos que já preditos subsistam de nenhuma partes,
e constem de natureza mínima. Pois uma vez que eles existem,
tu deves admitir também que eles são indivisíveis e eternos.

Afinal, se a natureza, criadora das coisas, acostumasse a
coagir tudo a resolver-se em partes mínimas,
já nada delas valeria para reparar esse todo,
é por isso que os que cresceram de nenhuma partes
não podem ter o que deve ter a matéria geradora,
diversas conexões, pesos, choques, incidências e
e movimentos, por quais coisas tudo se gera.

concedit natura reservans semina rebus.

Praeterea nisi erit minimum, parvissima quaeque
corpora constabunt ex partibus infinitis,
quippe ubi dimidiae partis pars semper habebit
dimidiam partem nec res praefiniet ulla.

ergo rerum inter summam minimamque quod escit,
nil erit ut distet; nam quamvis funditus omnis
summa sit infinita, tamen, parvissima quae sunt,
ex infinitis constabunt partibus aequae.

quod quoniam ratio reclamat vera negatque
credere posse animum, victus fateare necessest
esse ea quae nullis iam praedita partibus extant
et minima constant natura. quae quoniam sunt,
illa quoque esse tibi solida atque aeterna fatendum.

Denique si minimas in partis cuncta resolvi
cogere consuisset rerum natura creatrix,
iam nihil ex illis eadem reparare valeret
propterea quia, quae nullis sunt partibus aucta,
non possunt ea quae debet genitales habere
materies, varios conexus pondera plagas
concursum motus, per quas res quaeque geruntur.

⁸ Timeu XXX.

III. CONFUTAÇÃO DA FÍSICA PRÉ-PLATÔNICA (635 – 950)

I. HIPÓTESE MONISTA: HERÁCLITO (635 – 704)

I.1. INTRODUÇÃO (635 – 644)

Por isso aqueles que pensaram ser a matéria das coisas
fogo e que a essência da matéria consiste apenas de fogo,
parece ter se escorregado da verdadeira doutrina grandemente.

Dentre os quais Heráclito⁹, o primeiro chefe, inicia os combates,
ilustre de obscura língua mais entre vãos
do que gregos sérios que buscam a verdade. 640
De fato, os tolos mais admiram e amam tudo
que discernem que se ocultam sob palavras invertidas,
e constituem verdades que podem soar bem aos
ouvidos e que foram dissimuladas com suave som.

Quapropter qui materiem rerum esse putarunt 635
ignem atque ex igni summam consistere solo,
magno opere a vera lapsi ratione videntur.

Heraclitus init quorum dux proelia primus,
clarus <ob> obscuram linguam magis inter inanis
quamde gravis inter Graios, qui vera requirunt; 640
omnia enim stolidi magis admirantur amantque,
inversis quae sub verbis latitantia cernunt,
veraque constituunt quae belle tangere possunt
auris et lepido quae sunt fucata sonore.

⁹ A refutação a Heráclito (século VI-V a.C.) se dá pela polêmica antiheracliteia do monismo pré-pratônico valorizada pelos estóicos que na época se opunham a Epicuro.

I.2. A DIFERENCIAÇÃO DAS COISAS (645 – 654)

De fato, por que tão várias podem ser as coisas, pergunto, se foram criadas a partir de um só e puro fogo?

Pois, nada aproveitaria o cáldo fogo torna-se denso, nem rarefeito, se as partes do fogo tivessem a mesma natureza, sobra a qual o inteiro fogo tem.

Pois o ardor mais agudo seria das partes contraídas, e o mais lânguido, portanto, das disjuntas e dispersas.

Além disso, nada há que calcules poder acontecer em tais causas, muito menos a variação das coisas permite ser tamanha a partir de fogos densos e raros.

645

Nam cur tam variae res possent esse, requiro,
ex uno si sunt igni puroque creatae?
nil prodesset enim calidum denserier ignem
nec rare fieri, si partes ignis eandem
naturam quam totus habet super ignis habent.

645

650

acrior ardor enim conductis partibus esset,
languidior porro disiectis <dis>que supatis.
amplius hoc fieri nihil est quod posse rearis
talibus in causis, ne dum variantia rerum
tanta queat densis rarisque ex ignibus esse.

650

I.3. RAREFAÇÃO E ADENSAMENTO PRESSUPÕEM O VAZIO (655 – 664)

Isso também, caso façam o vazio misturado às coisas, os fogos poderão se adensar e se deixar raros.

Mas porque muitas coisas contrárias a si discernem as musas e evitam deixar o puro vazio nas coisas, enquanto temem as cosas árduas da via, deixam as verdadeiras, nem ainda percebem, eximido o vazio das coisas, que tudo se adensa e se torna a partir de todas as coisas um só corpo, nada de si que possa emitir subitamente.

Portando calor, o fogo como que lança luz e vapor para vejas que ele não é de partes condensadas.

655

Id quoque: si faciant admixtum rebus inane,
denseri poterunt ignes rarique relinqui;
sed quia multa sibi cernunt contraria quae sint
et fugitant in rebus inane relinquere purum,
ardua dum metuunt, amittunt vera viai

655

660

nec rursum cernunt exempto rebus inane
omnia denseri fierique ex omnibus unum
corpus, nil ab se quod possit mittere raptim,
aestifer ignis uti lumen iacit atque vaporem,
ut videas non e stipatis partibus esse.

660

I.4. COROLÁRIOS (665 – 689)

Pois, se por acaso creem por doutrina diversa que em acúmulo os fogos podem se extinguir e mudar de corpo, isto é, se abstém-se de fazer isso a partir de nenhuma parte, certamente todo ardor cairá profundamente ao nada, e do nada vem a ser tudo que se cria.	665	Quod si forte alia credunt ratione potesse ignis in coetu stingui mutareque corpus, scilicet ex nulla facere id si parte reparcent, occidet ad nihilum ni mirum funditus ardor omnīs et <e> nihilo fient quae cumque creantur;	665
Então, o que quer que seja, mudado, saiu de seus limites, de contínuo isto é a morte desse que foi antes.	670	nam quod cumque suis mutatum finibus exit, continuo hoc mors est illius quod fuit ante. proinde aliquid superare necesse est incolume ollis, ne tibi res redeant ad nilum funditus omnes de nihiloque renata vigescat copia rerum.	670
Daí, é necessário que algo sobreviva incólume neles, para que todas coisas não te retornem basicamente ao nada, e do nada a cópia delas renascida revigore.	675	Nunc igitur quoniam certissima corpora quaedam sunt, quae conservant naturam semper eandem, quorum abitu aut aditu mutatoque ordine mutant naturam res et convertunt corpora sese, scire licet non esse haec ignea corpora rerum.	675
Pois agora, uma vez que há alguns corpos, que conservam sempre a mesma natureza, muitíssimo definidos cuja natureza as coisas mudam, mudada a ordem de ir ou de vir, e [esses] corpos se transformam a si mesmos, é permitido saber que estes corpos das coisas não são ígneos.	680	nil referret enim quaedam decedere, abire atque alia adtribui mutarique ordine quaedam, si tamen ardoris naturam cuncta tenerent; ignis enim foret omnimodis quod cumque crearet.	680
De fato, nada importaria que alguns corpos se separem, se afastem, e outros se acrescentem, e alguns sejam mudados na ordem, se, contudo, todos tivessem a natureza do ardor.	685	verum, ut opinor, itast: sunt quaedam corpora, quorum concursus motus ordo positura figurae efficiunt ignis mutatoque ordine mutant	685

a natureza e não são assemelhados ao fogo nem a alguma coisa além disso, que possa enviar corpos aos sentidos e estimular nosso tato com impacto.

naturam neque sunt igni simulata neque ulli praeterea rei quae corpora mittere possit sensibus et nostros adiectu tangere tactus.

I.5. CONSEQUÊNCIAS GNOSIOLÓGICAS (690 – 704)

Em seguida, dizer que tudo é fogo e que nenhuma coisa verdadeira consta em número das coisas senão fogo, isso que este¹⁰ mesmo faz, parece ser delírio apenas. De fato, ele mesmo luta contra os sentidos pelos sentidos, e os abala, onde todas as suas crenças pedem, e de onde este é reconhecido pela mesma coisa que ele denomina fogo. 690
 Pois ele crê que os sentidos reconhecem verdadeiramente fogo, e não crê em relação às outras, que por nada são menos claras. 695
 Isso para mim parecer tanto vão quanto delírio.
 Por onde, de fato, nós referiremos? O que para nós mais pode ser mais certo do os sentidos, por que notemos coisas verdadeiras e falsas? 700
 E, além disso, por que alguém antes deveria suprimir todas as coisas e querer que restasse apenas a natureza do ardor, que negar haver fogo e, contudo, deixar haver outra coisa?
 Igualmente parece, de fato, dizer que uma e outra coisa são demência.

dicere porro ignem res omnis esse neque ullam rem veram in numero rerum constare nisi ignem, 690
 quod facit hic idem, perdelirum esse videtur.
 nam contra sensus ab sensibus ipse repugnat et labefactat eos, unde omnia credita pendent,
 unde hic cognitus est ipsi quem nominat ignem; 695
 credit enim sensus ignem cognoscere vere,
 cetera non credit, quae nilo clara minus sunt.
 quod mihi cum vanum tum delirum esse videtur;
 quo referemus enim? quid nobis certius ipsis
 sensibus esse potest, qui vera ac falsa notemus? 700
 Praeterea quare quisquam magis omnia tollat
 et velit ardoris naturam linquere solam,
 quam neget esse ignis, <aliam> tamen esse relinquat?
 aequa videtur enim dementia dicere utrumque.

¹⁰ Heráclito.

2. HIPÓTESE PLURALISTA: EMPÉDOCLES (705 – 809)

2.1. INTRODUÇÃO (705 – 733)

<p>Por isso, os que pensaram ser a matéria das coisas fogo e a partir do fogo poder consistir a suma [delas], e os que estabeleceram como princípio o ar, para as coisas que devem ser geradas, ou que pensaram ser algum líquido ele mesmo moldar coisas por si¹¹, ou a terra criar tudo e verte em toda natureza das coisas¹²,</p>	705	<p>Quapropter qui materiem rerum esse putarunt ignem atque ex igni summam consistere posse, et qui principium gignundis aera rebus constituere aut umorem qui cumque putarunt fingere res ipsum per se terramve creare</p>	705
<p>parecem ter muito longamente ter se desviado da verdade. Acrescenta também os que duplicam os princípios das coisas, juntando ar a fogo, e terra a água, e aqueles que calculam que tudo possa ser a partir de quatro coisas, e crescer a partir do fogo, terra, alma e chuva.</p>	710	<p>omnia et in rerum naturas vertier omnis, magno opere a vero longe derrasse videntur. Adde etiam qui conduplicant primordia rerum aera iungentes igni terramque liquori, et qui quattuor ex rebus posse omnia rentur</p>	710
<p>Dentre os quais como primeiro Empédocles de Ácragas, o qual a ilha triangular gerou nos limites das regiões terrestres¹³, em torno da qual o mar Jônio, fluindo com grandes ondas, e asperge o suco das verdes ondas,</p>	715	<p>ex igni terra atque anima procreescere et imbri. quorum Acragantinus cum primis Empedocles est, insula quem triquetris terrarum gessit in oris, quam fluitans circum magnis anfractibus aequor lonium glaucis aspargit virus ab undis</p>	715
<p>o rápido mar por angusto estreito separa pelas ondas</p>	720	<p>angustoque fretu rapidum mare dividit undis</p>	720

11 Tales de Mileto, séc. VII-VI a. C.

12 Aristóteles, *Metafísica*, A 989a

13 Sicília.

os limites das terras da Eólia dos seus confins.

Aqui está a devastadora Caríbdis e ali os murmúrios etneos
ameaçam coligar novamente as iras das chamas,
para que a violência vomite¹⁴ de novo pelas fauces os irrompidos
fogos, e leve ao céu os fulgures da chama. 725

Que como parece uma grande região a ser admirada de muitos modos
por diversos povos e diz-se que deve ser vista,
rica de coisas boas, munida de muita força de heróis,
contudo, nada mais preclaro do que este homem parece ter
existido em si, nem mais sacro, admirável e caro. 730

E além disso, os cantos divinos de seu peito
são declamados e expõe as coisas ilustres descobertas,
de modo que a custo pareça ter sido criado de estirpe humana.

Aeoliae terrarum oras a finibus eius.

hic est vasta Charybdis et hic Aetnaea minantur
murmura flammaram rursus se colligere iras,
faucibus eruptos iterum vis ut vomat ignis
ad caelumque ferat flammai fulgura rursus. 725

quae cum magna modis multis miranda videtur
gentibus humanis regio visendaque fertur
rebus opima bonis, multa munita virum vi,
nil tamen hoc habuisse viro praeclarius in se
nec sanctum magis et mirum carumque videtur. 730

carmina quin etiam divini pectoris eius
vociferantur et exponunt praeclara reperta,
ut vix humana videatur stirpe creatus.

2.2. ARGUMENTOS CONTRA A TEORIA DOS QUATRO ELEMENTOS (734 — 829)

2.2.1. O PROBLEMA DO MOVIMENTO E DA DIVISIBILIDADE (734 — 752)

Contudo, estes que logo acima dissemos inferiores
notavelmente em muitas partes e muito menores, 735
ainda que descobrindo bem e divinamente muitas coisas
desde o recôndito do coração deram respostas
de modo mais sagrado e muito mais por certa doutrina

Hic tamen et supra quos diximus inferiores
partibus egregie multis multoque minores, 735
quamquam multa bene ac divinitus invenientes
ex adyto tam quam cordis responsa dedere
sanctius et multo certa ratione magis quam

¹⁴ uomniat] uomat

que a pítia que profere desde a trípode e o loro de Febo,
 contudo, quanto aos princípios das coisas chegaram às ruínas, 740
 e gravemente, grandes, sofreram aí grande queda;
 primeiro porque constituem movimento, eximido o vazio das coisas,
 e permitem serem as coisas maleáveis e rarefeitas,
 ar, sol, chuva¹⁵, terras, animais, cereais,
 contudo, não misturam vazio em seu corpo; 745
 Então, em absoluto não fazem constar algum limite para corpos
 que devem ser seccionados, e nem pausa para a sua quebra,
 nem ainda fazem consistir algo mínimo das coisas;
 quando vemos algum ápice extremo de cada coisa
 ser o que parece ser ao nossos sentidos, mínimo, 750
 de modo que possas a partir deste concluir um mínimo consistir < nelas >,
 não podes discernir as coisas que têm algum extremo.

Pythia quae tripodi a Phoebi lauroque profatur,
 principiis tamen in rerum fecere ruinas 740
 et graviter magni magno cecidere ibi casu.
 Primum quod motus exempto rebus inani
 constituunt et res mollis rarasque relinquunt
 aera solem ignem terras animalia frugis
 nec tamen admiscent in eorum corpus inane; 745
 deinde quod omnino finem non esse secandis
 corporibus facient neque pausam stare fragori
 nec prorsum in rebus minimum consistere qui < cquam >,
 cum videamus id extremum cuiusque cacumen
 esse quod ad sensus nostros minimum esse videtur, 750
 conicere ut possis ex hoc, quae cernere non quis
 extremum quod habent, minimum consistere < rerum > .

2.2.2. CONSEQUÊNCIAS CONTRADITÓRIAS (753 — 781)

Aqui, acresce de novo, já que as coisas maleáveis constituem
 os primórdios das coisas, que nós vemos ser inatas e com
 corpo fundamentalmente mortal, que a soma 755
 das coisas deva já reverter ao nada
 e do nada a cópia delas renascida revigorar;
 Tu terás o que de um e outra delas já estará longe da verdade.

Huc accedit item, quoniam primordia rerum
 mollia constituunt, quae nos nativa videmus
 esse et mortali cum corpore, funditus ut qui 755
 debeat ad nihilum iam rerum summa reverti
 de nihiloque renata vigescere copia rerum;
 quorum utrumque quid a vero iam distet habebis.

¹⁵ Imbrem] ignem

Então, [esses primórdios] são inimigos de muitos modos como que veneno, eles mesmos para si e entre si; por isso ou perecerão 760 congregados ou assim dispersarão, como, adensada a tempestade, vemos difundir raios, chuvas e ventos.

E afinal, se das quatro coisas todas sejam criadas e novamente todas as coisas se desfazem e [retornam] a elas, de que modo aqueles [quatro elementos] podem ser ditos primórdios 765 das coisas mais do que as coisas desses¹⁶ ser pensadas contra e inversamente?

De fato, eles vêm a ser alternadamente e mudam a cor e a inteira natureza entre si desde todo o tempo.

[Vemos difundir raios, chuvas e ventos.]

Se assim talvez pensas que o corpo de fogo e de terra 770 não se reúnam e correntes aéreas e fluidez do líquido, de modo que nada mude em composição a natureza deles, para ti nada a partir desses [elementos] poderia ser criada, nem um ser animado, nem com corpo sem ânimo, como árvore¹⁷.

De fato, o que quer que mostre sua natureza em confusão 775 de acervo variado parecerá que o ar permanece misturado com a terra e ao mesmo tempo o ardor com a fluidez [do líquido].

Mas para que as coisas sejam geradas convém que os primórdios apliquem natureza secreta e invisível, para que nada surja que lute contra e obste que 780 minimamente o que quer que possa ser com propriedade se crie.

¹⁶ res illorum: produtos ou resultados dos quatro elementos

¹⁷ ambos os seres possuem *anima*, somente um é animado por *animus* e outro não, como árvore.

Deinde inimica modis multis sunt atque veneno ipsa sibi inter se; quare aut congressa peribunt 760 aut ita diffugient, ut tempestate coacta fulmina diffugere atque imbris ventosque videmus.

Denique quattuor ex rebus si cuncta creantur atque in eas rursus res omnia dissoluuntur, qui magis illa queunt rerum primordia dici 765 quam contra res illorum retroque putari?

alternis gignuntur enim mutantque colorem et totam inter se naturam tempore ab omni.

[fulmina diffugere atque imbris ventosque videmus.]

sin ita forte putas ignis terraeque coire 770 corpus et aerias auras roremque liquoris, nil in concilio naturam ut mutet eorum, nulla tibi ex illis poterit res esse creata, non animans, non exanimo cum corpore, ut arbos;

quippe suam quicque in coetu variantis acervi 775 naturam ostendet mixtusque videbitur aer cum terra simul et quodam cum rore manere.

at primordia gignundis in rebus oportet naturam clandestinam caecamque adhibere, emineat ne quid, quod contra pugnet et obstet 780 quo minus esse queat proprie quodcumque creatur.

2.2.3. FALTA DE UMA REFERÊNCIA ESTÁVEL NO PROCESSO DE GERAÇÕES E CORRUPÇÕES (782 – 802)

Porque também demandam¹⁸ do céu e de seus fogos
e primeiro fazem o fogo se converter em correntes aéreas,
daí vir a ser chuva e criar-se terra desde
chuva e ao contrário da terra todas as coisas se reverterem, 785
primeiro o líquido, depois o ar, em seguida o calor,
e nem essas coisas cessam de mudar entre si, nem de passar
do céu à terra, e da terra para os astros do mundo.
O que por nenhum pacto os elementos primordiais devem fazer.
Pois, algo imutável é necessário sobreviver, 790
para que todas as coisas não sejam reduzidas profundamente ao nada.
Pois o que quer que de seus limites sai mudado,
de contínuo isto é a morte daquilo que foi antes.
Uma vez que dissemos um pouco antes por que as coisas
vêm em mudança, é necessário que ela constem 795
de outras, que não podem de nenhum modo converter-se,
nem para ti as coisas retornem todas profundamente ao nada.
Por que antes não instituíste que alguns corpos preditos
de tal natureza, se acaso tenham criado fogo,
possam eles mesmos, tiradas umas poucas coisas e atribuídas outras, 800

Quin etiam repetunt a caelo atque ignibus eius
et primum faciunt ignem se vertere in auras
aeris, hinc imbrem gigni terramque creari
ex imbri retroque a terra cuncta reverti, 785
umorem primum, post aera, deinde calorem,
nec cessare haec inter se mutare, meare
a caelo ad terram, de terra ad sidera mundi.
quod facere haud ullo debent primordia pacto.
immutabile enim quiddam superare necessest, 790
ne res ad nihilum redigantur funditus omnes;
nam quod cumque suis mutatum finibus exit,
continuo hoc mors est illius quod fuit ante.
quapropter quoniam quae paulo diximus ante
in commutatum veniunt, constare necessest 795
ex aliis ea, quae nequeant convertier usquam,
ne tibi res redeant ad nilum funditus omnis;
quin potius tali natura praedita quaedam
corpora constituas, ignem si forte crearint,
posse eadem demptis paucis paucisque tributis, 800

¹⁸ provavelmente os estóicos; doutrina exposta por Cícero em de natura deorum, II, 84.

mudada a ordem e movimento, fazer correntes aéreas,
 assim, podem-se mudar umas coisas em todas as outras?

ordine mutato et motu, facere aeris auras,
 sic alias aliis rebus mutarier omnis?

2.2.4. POSSÍVEIS OBJEÇÕES E RESPOSTAS (803 — 829)

“Mas fato publicamente manifesto indica”, pode-se dizer, “que nas correntes aéreas desde a terra todas as coisas crescem e se alimentam; e se a estação não favorece em fausto tempo 805 as chuvas, para que os bosques vacilem com a queda das águas, e o sol por sua parte favorece e distribui o calor, não poderiam crescer as messes, os bosques e os seres animados.” Isto é, se o árido alimento e o tenro humor não nos auxiliar, tendo se desfeito o corpo, toda vida 810 se desligará de todos os nervos e ossos. De fato, longe de dúvida, somos sustentados e alimentados por determinados alimentos, para esses determinados alimentos são umas e outras necessidades¹⁹. Porque certamente muitas coisas comuns são elementos primordiais de muitas coisas misturados em coisas, 815 por isso várias coisas são alimentadas por várias coisas. É de grande importância como esses mesmos elementos primordiais frequentemente sejam contidos com quais coisas e em qual disposição e que movimentos entre si possam dar e receber;

‘At manifesta palam res indicat’ inquis ‘in auras aeris e terra res omnis crescere alicue; 805 et nisi tempestas indulget tempore fausto imbribus, ut tabe nimborum arbusta vacillent, solque sua pro parte fovet tribuitque calorem, crescere non possint fruges arbusta animantis.’ scilicet et nisi nos cibus aridus et tener umor adiuvet, amisso iam corpore vita quoque omnis 810 omnibus e nervis atque ossibus exsoluatur; adiutamur enim dubio procul atque alimur nos certis ab rebus, certis aliae atque aliae res. ni mirum quia multa modis communia multis multarum rerum in rebus primordia mixta 815 sunt, ideo variis variae res rebus aluntur. atque eadem magni refert primordia saepe cum quibus et quali positura contineantur et quos inter se dent motus accipiantque;

¹⁹ umas e outras necessidades, ou seja, a fome e a sede estão para determinados (*certis*: dativo de posse) alimentos secos e úmidos.

Pois esses [mesmos elementos] constituem céu, mar, terras, rios e sol, 820
 sendo eles mesmos as messes, os bosques e os seres animados,
 na verdade movem-se misturados uns com outros de modo diferente.
 Porque também aqui e ali em nossos próprios versos
 vês muitos elementos comuns em muitas palavras,
 quando, no entanto, é necessário ao que recita reconhecer versos e palavras 825
 entre si e separar tanto pelo sentido da coisa quanto pelo seu som.
 Os elementos podem tanto, mudada apenas a ordem.
 Mas são os elementos primordiais das coisas que podem se
 aplicar em muitas coisas, de onde possam criar-se quaisquer coisas variadas.

namque eadem caelum mare terras flumina solem 820
 constituunt, eadem fruges arbusta animantis,
 verum aliis alioque modo commixta moventur.
 quin etiam passim nostris in versibus ipsis
 multa elementa vides multis communia verbis,
 cum tamen inter se versus ac verba necessest 825
 confiteare et re et sonitu distare sonanti.
 tantum elementa queunt permutato ordine solo;
 at rerum quae sunt primordia, plura adhibere
 possunt unde queant variae res quaeque creari.

3. ANAXÁGORAS (830 — 930)

3.1. INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA TEORIA (830 — 842)

Agora também exploremos a “homeomeria” de Anaxágoras, 830
 que os gregos lembram e nem dizer em nossa língua
 a pobreza do sermo²⁰ paterno nos permite,
 no entanto, é fácil expor em palavras a mesma coisa.
 Por princípio, “homeomeria” diz o que das coisas:
 a saber, aqui²¹ ossos a partir de ossos pequenos e diminutos 835

Nunc et Anaxagorae scrutemur homoeomerian 830
 quam Grai memorant nec nostra dicere lingua
 concedit nobis patrii sermonis egestas,
 sed tamen ipsam rem facilest exponere verbis.
 principio, rerum quam dicit homoeomerian,
 ossa videlicet e pauxillis atque minutis 835

²⁰ Oposição entre língua e sermo, que é aplicação da estrutura linguística.

²¹ No sentido da composição do corpo, em oposição à composição da matéria pelos elementos.

e vísceras a partir de pequenas e diminutas
 vísceras vêm a ser e cria-se sangue por muitas
 gotas de sangue que se reúnem entre si,
 e [ele] considera poder consistir ouro a partir migalhas de ouro
 e a partir de pequenas partes de terra poder conformar-se terra,
 e haver fogos a partir de fogos, e humor a partir de humores,
 e [ele] imagina e pensa as outras coisas por semelhante doutrina.

840

ossibus hic et de paucillis atque minutis
 visceribus viscus gigni sanguenque creari
 sanguinis inter se multis coeuntibus guttis
 ex aurique putat micis consistere posse
 aurum et de terris terram concrecere parvis,
 ignibus ex ignis, umorem umoribus esse,
 cetera consimili fingit ratione putatque.

840

3.2. O PROBLEMA DA INFINITA DIVISIBILIDADE (843 — 858)

Contudo, nem permite em parte alguma nas coisas haver o mesmo vazio
 e nem permite haver um limite para os corpos que não de ser divididos.
 Por isso, em uma e outra doutrina igualmente me parece
 errar também aqueles²² sobre os quais antes dissemos.
 Acresce que imagina elementos primordiais demasiado fracos;
 se os elementos primordiais que foram ditos antes constam de natureza
 semelhante e são as mesmas coisas e igualmente trabalham
 e perecem, nem uma coisa os afasta da extinção.
 Pois o que duraria deles em válida supressão,
 para que evite a morte sob os dentes do esquecimento?
 e fogo ou humor ou auras? o que deles? e sangue ou ossos?
 nada, segundo creio, onde de igual modo toda coisa será

845

850

Nec tamen esse ulla de parte in rebus inane
 concedit neque corporibus finem esse secandis.
 quare in utraque mihi pariter ratione videtur
 errare atque illi, supra quos diximus ante.
 Adde quod inbecilla nimis primordia fingit;
 si primordia sunt, simili quae praedita constant
 natura atque ipsae res sunt aequaeque laborant
 et pereunt, neque ab exitio res ulla refrenat.
 nam quid in oppressu valido durabit eorum,
 ut mortem effugiat, leti sub dentibus ipsis?
 ignis an umor an aura? quid horum? sanguen an ossa?
 nil ut opinor, ubi ex aequo res funditus omnis

845

850

²² Heráclito e Empédocles.

tão fundamentalmente mortal quanto as coisas que manifestas vemos 855
 por nossos olhos perecer vencidas por alguma força.
 Mas que nada pode retornar ao nada, nem ainda
 crescer do nada eu atesto em relação às coisas antes provada.

tam mortalis erit quam quae manifesta videmus 855
 ex oculis nostris aliqua vi victa perire.
 at neque recidere ad nihilum res posse neque autem
 crescere de nihilo testor res ante probatas.

3.3. Consequências contraditórias (859 – 874)

Portanto, já que o alimento desenvolve e nutre o corpo
 pode-se saber que para nós veias, sangue e ossos 860
 [...]

ou dizem ser todos alimentos de corpo misto
 e que tem em si corpos pequenos de nervos²³,
 ossos, e certamente veias e partes irrigadas²⁴,
 acontecerá que todo alimento, seco e molhado,
 será considerado constar de origens diferentes, 865
 de ossos, de nervo, de soro e de sangue misturado.

Portanto, todos os corpos crescem a partir da terra,
 se eles são em partes de terra e surgem de partes de terra,
 é necessário constar terra de origens diferentes.

Transfere de mesmo modo isso: será lícito que uses as mesmas palavras. 870
 Em partes de lenha se ocultam a chama, o fumo e a cinza,
 as quais coisas surgem de partes de lenha de origens diferentes,

Praeterea quoniam cibus auget corpus alitque,
 scire licet nobis venas et sanguen et ossa 860
 [...]

sive cibos omnis commixto corpore dicent
 esse et habere in se nervorum corpora parva
 ossaque et omnino venas partisque cruoris,
 fiet uti cibus omnis et aridus et liquor ipse
 ex alienigenis rebus constare putetur, 865
 ossibus et nervis sanieque et sanguine mixto.

Praeterea quae cumque e terra corpora crescunt,
 si sunt in terris, terram constare necessest
 ex alienigenis, quae terris exoriuntur.

transfer item, totidem verbis utare licebit: 870
 in lignis si flamma latet fumusque cinisque,
 ex alienigenis consistant ligna necessest,

23 Tendões que ligam os ossos ao músculos

24 Partes que são irrigadas com sangue

é necessário que lenhas consistam de origens diferentes.
Portanto, a terra alimenta e desenvolve todos os corpos.

[...]

[praeterea tellus quae corpora cumque alit auget]
ex alienigenis, quae lignis <ex> oriuntur.

[...]

3.4. UMA DEFESA POSSÍVEL DE ANAXÁGORAS, E UMA CRÍTICA (875 — 896)

Resta aqui uma tênue faculdade de ocultar, 875
o que Anaxágoras toma para si, de modo que ele pense que todas as coisas
se ocultam, sendo misturadas a todas as coisas, mas [pense] mostrar-se
aquilo único, cuja multiplicidade seja misturada,
e mais ao alcance e em primeiro plano seja situada.

O que, no entanto, está afastado longamente da verdadeira doutrina. 880
De fato era conveniente os cereais sempre,
quando com força de rocha saliente se quebram, que no nosso corpo nutrem,
emitir sinal de sangue, ou quando esfregamos algo
com pedra contra pedra, escorrer um fluxo.

Por semelhante razão era mister que também ervas sempre 885
emitam seivas e doces gotas de símile sabor,
quais são no úbere de leite da [ovelha] lanígera,
a saber, sempre torrões de terra tendo sido moídos,
gêneros de ervas, sementes e folhagens, parecer

ocultar-se miudamente dispersos dentro da terra, 890
por fim, [era mister] nas lenhas a cinza e o fumo, quando tiverem
sido quebradas, parecer ocultar diminutos fogos.

Linquitur hic quaedam latitandi copia tenvis, 875
id quod Anaxagoras sibi sumit, ut omnibus omnis
res putet inmixtas rebus latitare, sed illud
apparere unum, cuius sint plurima mixta
et magis in promptu primaque in fronte locata.

quod tamen a vera longe ratione repulsumst; 880
conveniebat enim fruges quoque saepe, minaci
robore cum in saxi franguntur, mittere signum
sanguinis aut aliquid, nostro quae corpore aluntur.
Cum lapidi in lapidem terimus, manare cruorem

consimili ratione herbis quoque saepe decebat, 885
et latices dulcis guttas similique sapore
mittere, lanigeras quali sunt ubere lactis,
scilicet et glebis terrarum saepe friatis
herbarum genera et fruges frondesque videri

dispertita inter terram latitare minute, 890
postremo in lignis cinerem fumumque videri,
cum praefracta forent, ignisque latere minutos.

Uma vez que fato manifesto ensino que dessas coisas nada acontece,
 é permitido saber não haver, nas coisas, coisas assim misturadas,
 na verdade, as sementes misturadas de muitos modos 895
 devem se ocultar em coisas como comuns de muitas coisas.

quorum nil fieri quoniam manifesta docet res,
 scire licet non esse in rebus res ita mixtas,
 verum semina multimodis inmixta latere 895
 multarum rerum in rebus communia debent.

3.5. UMA POSSÍVEL CONTRADIÇÃO E CRÍTICAS FINAIS (897 — 920)

“Mas frequentemente nos altos montes” dizes “que nas altas
 árvores os altos cimos vizinhos se esfregam
 entre si, os válidos austros obrigando-os a fazer isso,
 até que [os cimos] tenham refulgido na flor brotada da chama”. 900
 Isto é, também não é o fogo inserido em lenhas,
 na verdade, há muitas sementes de ardor, as quais, quando
 tiverem confluído pelo esfregar, criam incêndios nas florestas.
 Porque, se a chama feita estivesse oculta nas selvas,
 os fogos não poderiam em momento algum se ocultar, 905
 eles ordinariamente consumiriam as florestas, e cremariam a vegetação.
 Então já vês o que um pouco antes dissemos,
 que é de grande importância como esses mesmos elementos primordiais
 frequentemente sejam contidos com quais coisas e em qual disposição
 e que movimentos entre si possam dar e receber, 910
 e que esses mesmos elementos um pouco mudados entre si criam
 fogos e lenhas? Com qual pacto também as próprias palavras
 são, mudados um pouco os elementos entre si,

‘At saepe in magnis fit montibus’ inquis ‘ut altis
 arboribus vicina cacumina summa terantur
 inter se validis facere id cogentibus austris,
 donec flammai fulserunt flore coorto.’ 900
 scilicet et non est lignis tamen insitus ignis,
 verum semina sunt ardoris multa, terendo
 quae cum confluxere, creant incendia silvis.
 quod si facta foret silvis abscondita flamma,
 non possent ullum tempus celarier ignes, 905
 conficerent volgo silvas, arbusta cremarent.
 iamne vides igitur, paulo quod diximus ante,
 permagni referre eadem primordia saepe
 cum quibus et quali positura contineantur
 et quos inter se dent motus accipiantque, 910
 atque eadem paulo inter se mutata creare
 ignes et lignum? quo pacto verba quoque ipsa
 inter se paulo mutatis sunt elementis,

quando notemos com distinta voz ‘lenhas’ e ‘fogos’.

E afinal já discernes o que quer que for nas coisas manifestas, 915

se pensas que isso não pode ocorrer, por que não imaginas

os elementos preditos da matéria ser de natura consímile.

por esta razão os elementos primordiais das coisas perecem para ti:

acontecerá que eles poderiam escarnecer abalados de riso trêmulo,

e com lágrimas salsas umedecer olhos e faces. 920

4. APOLOGIA (921 — 950)

Agora vamos, conhece o que importa e ouve mais claramente.

Nem me falha, no íntimo, quão sejam obscuras: mas a grande

esperança de louvor percutiu com agudo tirsó meu coração

e ao mesmo tempo incutiu-me no peito suave amor

das musas, pelo qual agora, instigado por vigorosa mente, 925

percorro ínvios locais das Piérides antes trilhados pela sola

de ninguém. É agradável chegar a íntegras fontes

e haurir, e é agradável colher novas flores,

e delas buscar insigne coroa para a minha cabeça

de que antes a ninguém as musas tenha velado as tēmporas; 930

primeiro porque instruo acerca das grandes coisas e busco

com as artes libertar o ânimo dos nós das religiões,

daí porque de obscura coisa eu fixo tão lúcidos

cantos, tocando tudo com a graça de musa.

cum ligna atque ignes distincta voce notemus.

Denique iam quae cumque in rebus cernis apertis 915

si fieri non posse putas, quin materiai

corpora consimili natura praedita fingas,

hac ratione tibi pereunt primordia rerum:

fiet uti risu tremulo concussa cachinent

et lacrimis salsis umectent ora genasque. 920

Nunc age, quod super est, cognosce et clarius audi.

Nec me animi fallit quam sint obscura; sed acri

percussit thyrsó laudis spes magna meum cor

et simul incussit suavem mi in pectus amorem

Musarum, quo nunc instinctus mente vigenti 925

avia Pieridum peragro loca nullius ante

trita solo. iuvat integros accedere fontis

atque haurire iuvatque novos decerpere flores

insignemque meo capiti petere inde coronam,

unde prius nulli velarint tempora Musae; 930

primum quod magnis doceo de rebus et artis

religionum animum nodis exsolvere pergo,

deinde quod obscura de re tam lucida pango

carmina musaeo contingens cuncta lepore.

IV. ILIMITAÇÃO DO UNIVERSO, DA MATÉRIA E DO VAZIO (951 – 1117)

I. O UNIVERSO NÃO TEM LIMITE (951 – 1001)

I.1 INTRODUÇÃO (951 – 957)

Mas porque ensinei que os solidíssimos corpos da matéria volitam em perpétuo invictos pela eternidade, agora vamos, haja algum fim para o resultado deles, ou não haja, desenvolvamos; novamente o que é encontrado vazio, ou local ou espaço, no qual quaisquer coisas se realizem²⁵, vejamos se tudo conste basicamente como finito, ou se [tudo] se abra imenso e vastamente profundo.

I.2 FALTA DE UM LIMITE (958 – 967)

Portanto, tudo o que há por nenhuma região de vias é finito; de fato devia haver um fim extremo. Ademais, parece poder existir um fim extremo de nenhuma coisa; senão o que finda seja além; de modo que pareça até onde não siga mais longe essa natureza de sentido.

Sed quoniam docui solidissima materiai corpora perpetuo volitare invicta per aevom, nunc age, summai quaedam sit finis eorum nec <ne> sit, evolvamus; item quod inane repertumst seu locus ac spatium, res in quo quaeque gerantur, pervideamus utrum finitum funditus omne constet an immensum pateat vasteque profundum.

Omne quod est igitur nulla regione viarum finitumst; namque extremum debebat habere. extremum porro nullius posse videtur esse, nisi ultra sit quod finiat, ut videatur quo non longius haec sensus natura sequatur.

²⁵ Ver 329 – 334.

Agora, uma vez que nada a mais deve-se dizer do resultado, não há fim extremo, e portanto, carece de fim e de medida. E nem importa em quais regiões dele tu estejas assentado; qualquer um possui algum lugar a tal ponto que em todas as partes em igual quantidade resta tudo infinito.

965

nunc extra summam quoniam nihil esse fatendum,
non habet extremum, caret ergo fine modoque.
nec refert quibus adsistas regionibus eius;
usque adeo, quem quisque locum possedit, in omnis
tantundem partis infinitum omne relinquit.

965

I.3 HIPÓTESE DA EXISTÊNCIA DE UM LIMITE (968 — 983)

Além disso, se já esteja constituído que tudo que é espaço é finito, se alguém recorrer aos limites extremos, sendo último, e lançar dardo que voa, qual dos dois preferes: este ir arremessado com válidas forças e voar longe até onde tenha sido enviado, ou pensas que algo possa proibir e obstar? Uma das duas coisas é necessário que afirmes e assumas. Das quais uma e outra para ti bloqueia um escape e tudo obriga que concedas que as coisas se abram isentas de fim. Pois, seja que há algo que o impeça e que faça, que até onde foi enviando, chegue e se localize no fim, seja que além [o dardo] se leve, ele não partiu de um fim. Havendo este acordo, seguirei onde quer que coloques os limites extremos, perguntarei o que afinal acontece ao dardo. Acontecerá que nunca poderá consistir um fim e uma quantidade de fuga sempre se abre como escape.

970

Praeterea si iam finitum constituatur
omne quod est spatium, si quis procurrat ad oras
ultimus extremas iaciaturque volatile telum,
id validis utrum contortum viribus ire
quo fuerit missum mavis longeque volare,
an prohibere aliquid censes obstareque posse?
alterutrum fatearis enim sumasque necessest.
Quorum utrumque tibi effugium praeclaudit et omne
cogit ut exempta concedas fine patere.
nam sive est aliquid quod probeat efficiaturque
quo minus quo missum est veniat finique locet se,
sive foras fertur, non est a fine profectum.
hoc pacto sequar atque, oras ubi cumque locaris
extremas, quaeram: quid telo denique fiet?
fiet uti nusquam possit consistere finis
effugiumque fugae prolatet copia semper.

970

975

975

980

980

I.4 A MATÉRIA SE ACUMULA PARA BAIXO (984 – 997)

Além disso, o espaço todo da soma inteira,
 se incluso em toda parte, consistisse de limites certos 985
 e fosse finito, já a quantidade de matéria
 confluiria em toda parte ao fundo com sólidos pesos
 e nada poderia se gerar sob a cobertura do céu,
 e nem haveria absolutamente céu nem luzes do sol,
 pois quando acumulada, toda matéria jazeria 990
 assentando-se abaixo, desde de tempo já infinito.
 Mas agora, certamente, nenhum repouso foi dado para os
 elementos primordiais, pois nada é fundamentalmente profundo
 para onde possam como que confluir e onde pôr assento.
 Sempre em movimento contínuo todas as coisas se geram 995
 a partir de todas as partes, e abaixo, os elementos da
 matéria são impelidos rápidos desde o infinito.

I.5 APÊNDICE (998 – 1001)

Afinal ante os olhos uma coisa parece delimitar outra;
 a atmosfera separa colinas e montes, atmosfera,
 toda terra termina de encontro ao mar e todo mar, de encontro às terras; 1000
 nenhum todo realmente há que se defina além.

Praeterea spatium summai totius omne
 undique si inclusum certis consisteret oris 985
 finitumque foret, iam copia materiai
 undique ponderibus solidis confluet ad imum
 nec res ulla geri sub caeli tegmine posset
 nec foret omnino caelum neque lumina solis,
 quippe ubi materies omnis cumulata iaceret 990
 ex infinito iam tempore subsidendo.
 at nunc ni mirum requies data principiorum
 corporibus nullast, quia nil est funditus imum,
 quo quasi confluere et sedes ubi ponere possint.
 semper in adsiduo motu res quaeque geruntur 995
 partibus <in> cunctis, infernaque suppeditantur
 ex infinito cita corpora materiai.

Postremo ante oculos res rem finire videtur;
 aer dissaepit collis atque aera montes,
 terra mare et contra mare terras terminat omnis; 1000
 omne quidem vero nihil est quod finiat extra.

2 MATÉRIA E ESPAÇO NÃO TÊM LIMITES (1002 — 1051)

2.1 INDEFINIÇÃO DO ESPAÇO (1002 — 1007)

Portanto, há natureza de lugar e espaço de profundidade,
 porque nem os claros raios poderão percorrer seu curso
 escorregando por tração perpétua da eternidade,
 nem ainda [o raio] fazer que reste menor ao ir permeando; 1005
 até o ponto em que daqui e dali se abre uma imensa cópia às coisas,
 retirados os limites em toda parte, onde quer que seja.

Est igitur natura loci spatiumque profundi,
 quod neque clara suo percurrere fulmina cursu
 perpetuo possint aevi labentia tractu
 nec prorsum facere ut restet minus ire meando; 1005
 usque adeo passim patet ingens copia rebus
 finibus exemptis in cunctas undique partis.

2.2 INDEFINIÇÃO DA MATÉRIA, ISTO É, DOS ÁTOMOS (1008 — 1051)

porque a própria soma das coisas não poderia preparar para si um modo,
 pois o retém a natureza, que obriga que um corpo é para definir-se pelo vazio
 e que, por sua vez, o vazio é para definir-se por um corpo, 1010
 de modo que assim a natureza torne todas as coisas alternadamente infinitas,
 ou ainda um ao outro²⁶, senão um deles terminaria e a natureza
 se mostraria simples, contudo, imoderada.

Ipsa modum porro sibi rerum summa parare
 ne possit, natura tenet, quae corpus inane
 et quod inane autem est finiri corpore cogit, 1010
 ut sic alternis infinita omnia reddat,
 aut etiam alterutrum, nisi terminet alterum eorum,
 simplice natura pateat tamen inmoderatum,
 [...]

[...]
 Nem mar, nem terra, nem os lúcidos templos do céu,
 nem o gênero mortal, nem os santos corpos dos deuses 1015
 poderiam subsistir em exíguo tempo de uma hora.

nec mare nec tellus neque caeli lucida templa
 nec mortale genus nec divum corpora sancta
 Exiguum possent horai sistere tempus; 1015

²⁶ Um e outro, ou seja, corpo e vazio.

pois a quantidade de matéria dispersa de seu conjunto
 levar-se-ia dissoluta por um grande vazio,
 ou até o ponto em que, adensada, nunca teria criado
 alguma coisa, uma vez que, disjunta, não seria possível ser obrigada. 1020
 pois certamente não por deliberação os primórdios das coisas
 colocaram o que quer que seja em sua ordem por mente sagaz.
 e nem estabeleceram que movimentos teriam de fato quaisquer coisas
 que seja. Mas uma vez que muitas coisas mudadas de muitos modos,
 através do todo desde o infinito, incitadas, são agitadas por golpes. 1025
 Todo gênero de movimento e união por experimento
 converte-se, afinal, em tais coisas que não de se dispor,
 pelas quais consiste esta somatória criada das coisas,
 e preservada por muitos e ainda grandes anos,
 uma vez que foi lançada em movimentos convenientes, 1030
 faça que as correntes do rio integrem o ávido mar
 com largas ondas, e a terra e a terra aquecida pelo vapor
 do sol renova os frutos, e a raça dos viventes, tendo se submetido,
 floresça e vivam os fogos errantes do éter.
 porque por nenhum pacto poderiam fazê-lo, caso a quantidade 1035
 de matéria não pudesse brotar a partir do infinito,
 de onde costumar reparar em tempo quaisquer coisas perdidas.
 pois como privada de alimento a natureza dos viventes
 definha perdendo corpo, assim todas as coisas devem se
 dissolver, logo que a matéria deixe de suprir 1040

nam dispulsa suo de coetu materiai
 copia ferretur magnum per inane soluta,
 sive adeo potius numquam concreta creasset
 ullam rem, quoniam cogi disiecta nequisset. 1020
 nam certe neque consilio primordia rerum
 ordine se suo quaeque sagaci mente locarunt
 nec quos quaeque <darent motus pepigere profecto>
 sed quia multa modis multis mutata per omne
 ex infinito vexantur percita plagis, 1025
 omne genus motus et coetus experiundo
 tandem deveniunt in talis disposituras,
 qualibus haec rerum consistit summa creata,
 et multos etiam magnos servata per annos
 ut semel in motus coniectast convenientis, 1030
 efficit ut largis avidum mare fluminis undis
 integrent amnes et solis terra vapore
 fota novet fetus summissaque gens animantum
 floreat et vivant labentis aetheris ignes.
 quod nullo facerent pacto, nisi materiai 1035
 ex infinito suboriri copia posset,
 unde amissa solent reparare in tempore quaeque.
 nam vel uti privata cibo natura animantum
 diffluit amittens corpus, sic omnia debent
 dissolui simul ac defecit suppeditare 1040

por alguma razão, tendo se desviado do caminho.
 nem golpes, externos e de toda parte,
 podem conservar a soma toda, ainda que conciliada.
 De fato podem bater cerradamente e fazer demorar uma parte
 enquanto outras venham e a soma possa se suprir. 1045
 Contudo nesse ínterim são obrigadas a recuar
 e uma parte possa dar espaço e tempo ao princípio
 das coisas para a fuga, para que esses possam levar-se livres de união.
 Por isso também ainda mais é necessário muitas coisas surgir,
 e no entanto, para que os mesmos golpes também possam suprir, 1050
 é preciso uma força infinita em toda parte da matéria.

materies aliqua ratione aversa viai.
 nec plagae possunt extrinsecus undique summam
 conservare omnem, quae cumque est conciliata.
 cudere enim crebro possunt partemque morari,
 dum veniant aliae ac suppleri summa queatur; 1045
 inter dum resilire tamen coguntur et una
 principiis rerum spatium tempusque fugai
 largiri, ut possint a coetu libera ferri.
 quare etiam atque etiam suboriri multa necesseset,
 et tamen ut plagae quoque possint suppetere ipsae, 1050
 infinita opus est vis undique materialai.

3 Universo não tem centro (1052-1113)

3.1 Exposição da teoria adversária (1052-1082)

Nessas coisas, Mêmio, de longe, evita crer no que
 dizem a soma de tudo tender a um meio²⁷,
 e por isso dizem a natureza do mundo ser estável sem choques alguns
 externos, nem para algum lugar poder dissociar-se 1055
 as coisas do alto e as de baixo, porque ao meio tendem todas as coisas,
 (se, em relação ao mesmo meio, tu pensas qualquer coisa poder ter consistência
 em si,): e (dizem) que o que pesa sob a terra está tudo acima,

Illud in his rebus longe fuge credere, Memmi,
 in medium summae quod dicunt omnia niti
 atque ideo mundi naturam stare sine ullis
 ictibus externis neque quoquam posse resolvi 1055
 summa atque ima, quod in medium sint omnia nixa,
 ipsum si quicquam posse in se sistere credis,
 et quae pondera sunt sub terris omnia sursum

²⁷ Referência aos estoicos.

tendendo à terra e, reposto, repousando de volta (nela),
como pelas águas vemos agora aqueles simulacros das coisas. 1060

E (dizem) que por semelhante razão os animais tendem a vagar
invertidamente e não poder recair aos locais do céu
que estão abaixo, mais do que nossos corpos por sua
vontade possam voar aos templos do céu.

E quando eles vejam sol, (dizem) que nós discernimos 1065
os astros da noite e alternadamente os templos do céu
se dividem para nós e noites iguais aos dias agitam-se.

Mas <esse raciocínio> é vão para estúpidos <cogitar> essas coisas,
porque eles tendo-as abraçados...^{28]}

pois nenhum meio pode haver... 1070

< nas coisas > indefinidas. Nem absolutamente, se já < meio houver >
nem absolutamente poderia ai qualquer coisa consistir...
que por alguma outra razão de longe...

De fato todo lugar e espaço, que < chamamos vazio >
pelo meio, pelo não-meio, < deve > conceder 1075
igualmente aos pesos, por onde quer que os movimentos são levados.

e nem qualquer lugar há, por onde quando os corpos passam,
perdida a força do peso, possam estar < no > vazio;
e nem o vazio é o que deve subsistir a algo,

caso não continue a conceder o que sua natureza pede. 1080

Por isso não podem as coisas manter-se com tal raciocínio

²⁸ Texto corrompido nesse trecho.

nitier in terraque retro requiescere posta,
ut per aquas quae nunc rerum simulacra videmus; 1060

et simili ratione animalia suppa vagari
contendunt neque posse e terris in loca caeli
reccidere inferiora magis quam corpora nostra
sponte sua possint in caeli templa volare;

illi cum videant solem, nos sidera noctis 1065
cernere et alternis nobiscum tempora caeli
dividere et noctes parilis agitare diebus.

sed vanus stolidis haec * * *

amplexi quod habent perv * * *

nam medium nihil esse potest * * * 1070

infinita; neque omnino, si iam < medium sit > ,
possit ibi quicquam consistere * * *

quam quavis alia longe ratione * * *

omnis enim locus ac spatium, quod in < ane vocamus > ,
per medium, per non medium, concedere < debet > 1075

aeque ponderibus, motus qua cumque feruntur.

nec quisquam locus est, quo corpora cum venerunt,
ponderis amissa vi possint stare < in > inani;

nec quod inane autem est ulli subsistere debet,
quin, sua quod natura petit, concedere pergat. 1080

haud igitur possunt tali ratione teneri

submetidas em união por atração do meio.

res in concilium medii cuppedine victae.

3.2 Uma teoria semelhante à precedente, e suas consequências na interpretação do mundo. Conclusões (1083-1117)

além disso uma vez que não imaginam todos os corpos
 apoia-se ao meio, mas o humor da terra e dos meios líquidos,
 e do mar e as grandes onda desde os montes, 1085
 e o que seja contido como que por um corpo terreno,
 mas ao contrário expõem que são tênues auras de ar
 e que cálidos fogos ao mesmo tempo se afastam do meio
 e por isso tudo em volta do éter cintila com sinais
 e a flama do sol apascenta pelo azul do céu 1090
 porque o calor, fugindo do meio, ali se adensa todo
 nem a seguir podem os mais altos ramos frondescer
 nas árvores, se da terra para alimentar pouco a pouco cada um...²⁹ 1093
 [...] 1093
 nem por rito alado das chamas as muralhas do mundo 1102
 se dispersem subitamente desfeitas pelo grande vazio
 e nem as outras coisas por semelhante razão a sigam
 e nem ruam os troantes templos do céu superior 1105
 e a terra repentinamente seja tragada sob os pés
 e tudo entre ruínas misturadas das coisas e do céu

Praeterea quoniam non omnia corpora fingunt
 in medium niti, sed terrarum atque liquoris
 umorem ponti magnasque e montibus undas, 1085
 et quasi terreno quae corpore contineantur,
 at contra tenuis exponunt aeris auras
 et calidos simul a medio differri ignis,
 atque ideo totum circum tremere aethera signis
 et solis flammam per caeli caerula pasci, 1090
 quod calor a medio fugiens se ibi conligat omnis,
 nec prorsum arboribus summos frondescere ramos
 posse, nisi a terris paulatim cuique cibatum 1093
 [...] 1093
 ne volucris ritu flammaram moenia mundi 1102
 diffugiant subito magnum per inane soluta
 et ne cetera consimili ratione sequantur
 neve ruant caeli tonitralia templa superne 1105
 terraque se pedibus raptim subducatur et omnis
 inter permixtas rerum caelique ruinas

²⁹ Aqui faltam oito versos.

[ruínas] que destroem corpos [isso tudo] desapareça
 pelo vazio profundo, de modo a que, em um ponto do tempo, nada das coisas
 restantes reste exceto o espaço deserto e os elementos primordiais cegos. 1110
 Pois ainda que estabeleças que corpos (esses)
 careçam de partes, essa parte será para as coisas o portal
 da morte, por esta toda a turba da matéria cairá fora.
 Assim, tu, conduzido por pequeno esforço, conhecerás estas coisas.
 Pois uma coisa se esclarece a partir de outra, nem a ti a cega 1115
 noite roubará o caminho, que não possas ver
 os limites da natureza: assim as coisas darão luz às coisas.

corpora solventes abeat per inane profundum,
 temporis ut puncto nihil extet reliquiarum
 desertum praeter spatium et primordia caeca. 1110
 nam qua cumque prius de parti corpora desse
 constitues, haec rebus erit pars ianua leti,
 hac se turba foras dabit omnis materiai.
 Haec sic pernosces parva perductus opella;
 namque alid ex alio clarescet nec tibi caeca 1115
 nox iter eripiet, quin ultima naturai
 pervideas: ita res accendent lumina rebus.

Referências

Titus Lucretius Carus, Karl Lachmann. Index Copiosus ad K. Lachmanni. Commentarium in T.Lucretii Cari de Rerum Natura Libros. Editio Quarta. Berolini: Georgii Reimeri, MDCCCLXXI.
 Lucrezio. La natura dele cose. Milano: Mondadori, 2013.
 Lucrèce. De la nature. Paris: Les Belles Lettres, 2009.
 Endereços acessados até julho de 2016:
https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lsante01/Lucretius/luc_rer1.html
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.02.0130>
<http://www.thelatinlibrary.com/lucretius/lucretius1.shtml>



DE RERUM NATURA

LIVRO I

JUVINO ALVES MAIA JUNIOR

Sobre os tradutores:

Juvino Alves Maia Jr. fez mestrado em Filologia Portuguesa e doutorado em Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Hermes Orígenes Duarte Vieira fez mestrado e doutorado em Letras Clássicas na Universidade Federal da Paraíba.

Felipe dos Santos Almeida fez mestrado e faz doutorado em Letras Clássicas na Universidade Federal da Paraíba.

Todos atuam no Curso de Letras Clássicas no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Universidade Federal da Paraíba.

ideia

LA FACCIÀ SVA MI PALLA LYNGA E GROSSA
COME LA FINA DI SAN PIETRO A ROMA

ANNO EDIZIONE SEICENTESI

DAEETI PIVVIV. 1550

ISBN 978-85-463-0103-4